

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS

ALINE BENATO SOARES

***ORGULHO E PRECONCEITO* DE JANE AUSTEN: LITERATURA E SOCIEDADE
PATRIARCAL EM SUA TRADUÇÃO BRASILEIRA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO

2016

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS E INGLÊS

ALINE BENATO SOARES

**ORGULHO E PRECONCEITO DE JANE AUSTEN: LITERATURA E SOCIEDADE
PATRIARCAL EM SUA TRADUÇÃO BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em de Letras Português e Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Câmpus Pato Branco como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura de Língua Inglesa e Estudos Descritivos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mirian Ruffini

PATO BRANCO

2016

“Muitas vezes perdemos a possibilidade de felicidade de tanto nos prepararmos para recebê-la. Por que então não agarrá-la toda de uma vez?”

Jane Austen

SOARES. Aline Benato. ***Orgulho e Preconceito de Jane Austen: Literatura e Sociedade Patriarcal em sua Tradução Brasileira***. 80 fls. 2016. Monografia (Graduação em Letras Português Inglês). 2016. Monografia.

RESUMO

Esta pesquisa desenvolveu um estudo descritivo acerca da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, no que se refere aos estudos literários sociais da sociedade patriarcal do século XIX. Além disso, foram analisados os paratextos de algumas traduções brasileiras da obra tendo como objetivo analisar a recepção da obra no polissistema literário brasileiro. E também, foi realizada uma análise de duas traduções do livro *Orgulho e Preconceito*, tendo como base de análise o texto fonte publicado em 1813. Para a realização desta pesquisa utilizou-se o suporte teórico dos estudos de Virginia Woolf (1998) e de Julia Prewitt Brown (1985) para o estudo da sociedade patriarcal da época. Para a análise paratextual foram utilizados os estudos de Gerard Genette (2006) que afirma que os paratextos que acompanham uma obra são de suma importância para sua interpretação. Para a análise da recepção da obra no polissistema literário brasileiro foram utilizados os estudos de Itamar Even-Zohar (1990) e sua Teoria dos Polissistemas. E finalmente, para as análises das traduções brasileiras foram utilizados os estudos de Gideon Toury (2012), com os Estudos Descritivos da Tradução, e também os estudos de José Lambert e Hendrik Van Gorp (2006) e seu esquema para análise de traduções. E as análises de Andre Lefevere (1992) no que se refere às discussões acerca das políticas de tradução. Verificou-se que o contexto em que Jane Austen viveu influenciou sua obra, e em *Orgulho e Preconceito* a autora denuncia os costumes aristocráticos da sociedade patriarcal do século XIX. A obra de Jane Austen se consolidou no polissistema literário brasileiro, o que podemos perceber tendo como base os paratextos das traduções lançadas no Brasil. Analisando as traduções da obra para o português brasileiro, percebemos diferenças entre os procedimentos tradutórios adotados, sendo que uma tradução foi considerada mais “estrangeirizante” e a outra mais “domesticada” de acordo com a teoria de Lawrence Venuti (2002). Por fim, as análises realizadas nos mostram como a autora foi consolidada no polissistema literário brasileiro e permanece valorizada mesmo com o passar dos séculos.

Palavras-chave: Sociedade. Paratextos. Traduções.

SOARES. Aline Benato. ***Pride and Prejudice of Jane Austen: Literature and Patriarchal Society in her Brazilian Translation.*** 80 pages. 2016. Monograph. (Graduation in Portuguese Portuguese Lyrics). 2016. Monograph.

ABSTRACT

This research developed a descriptive study about the work of Jane Austen's *Pride and Prejudice*, in relation to social literary studies in the nineteenth century patriarchal society. In addition, the paratexts of some Brazilian translations of the work were analyzed in order to analyze the reception of the book in the Brazilian literary polysystem. Also, an analysis of two translations of the book *Pride and Prejudice* was carried out, having as basis of analysis the source text published in 1813. For the realization of this research was used the theoretical support of the studies of Virginia Woolf (1998) and Julia Prewitt Brown (1985) with regard to the study of the patriarchal society of the time. For the paratextual analysis we used the studies of Gerard Genette (2006) that states that the paratexts that accompany a work are extremely important for its interpretation. For the analysis of the reception of the book in the Brazilian literary polysystem, were used the studies of Itamar Even-Zohar (1990) and his Theory of Polysystems. And finally, for the Brazilian translation analyzes, were used the studies of Gideon Toury (2012), with Descriptive Studies of Translation, and the studies of José Lambert and Hendrik Van Gorp (2006) and their scheme for the analysis of translations. And the analyzes of Andre Lefevere (1992) regarding discussions about translation politics. It was found that the context in which Jane Austen lived influenced her work, and in *Pride and Prejudice* the author denounces the aristocratic customs of nineteenth-century patriarchal society. The work of Jane Austen was consolidated in the Brazilian literary polysystem, which we can perceive through the paratexts of the translations launched in Brazil. The translation of the work into Brazilian Portuguese reveals differences between the translation procedures adopted, one translation being considered more "foreign" and the other more "domesticated" according to Lawrence Venuti's theory (2002). Finally, the analyzes carried out show us how the author was consolidated in the Brazilian literary polysystem and remains valued even over the centuries.

Keywords: Society. Paratexts. Translations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Traduções de <i>Orgulho e Preconceito</i> para o português brasileiro publicadas em versões de bolso	28
Quadro 2: Tradução de <i>Orgulho e preconceito</i> de Alexandre Barbosa publicada pela editora Penguin & Companhia das Letras.....	38
Quadro 3: Traduções de <i>Orgulho e Preconceito</i> por Roberto Leal Ferreira publicadas em versões 3 em 1 pela editora Martin Claret.....	41
Quadro 4: Traduções de adaptações de <i>Orgulho e Preconceito</i> para o português brasileiro.....	45
Quadro 5: Traduções de <i>Orgulho e Preconceito</i> para o português brasileiro publicadas pelas editoras Martin Claret e Landmark.....	52

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Capa do livro *Orgulho e Preconceito* em versão de bolso, tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada pela editora Martin Claret em 2013.....31
- Figura 2: Capa do livro *Orgulho e Preconceito* em versão de bolso, tradução de Joana Faro, publicada pela editora Best Bolso em 2016.....33
- Figura 3: Capa do livro *Orgulho e Preconceito* em versão de bolso, tradução de Celina Portocarrero, publicada pela editora LP&M em 2010.....35
- Figura 4: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Alexandre Barbosa, publicada pela editora Penguin & Companhia das Letras em 2016.....39
- Figura 5: Capa do livro *Orgulho e Preconceito* versão 3 em 1 em capa brochura, tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada pela editora Martin Claret em 2014.....42
- Figura 6: Capa do livro *Orgulho e Preconceito* versão 3 em 1 em capa dura, tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada pela editora Martin Claret em 2015.....44
- Figura 7: Capa do livro *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, autoria de Seth Grahame-Smith; tradução de Luiz Antônio Aguiar, publicada pela editora Intrínseca em 2010.....46
- Figura 8: Capa do livro *A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito*, autoria de Jennifer Adams, tradução de Janaína Senna publicada pela Editora Nova Fronteira Brasil em 2012.....47
- Figura 9: Capa do livro da versão em quadrinhos de *Orgulho e Preconceito*, adaptação de Ian Edginton, tradução Fernando Variani e Gregório Bert, publicada pela Editora Nemo em 2016.....48
- Figura 10: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada pela editora Martin Claret em 2012.....52
- Figura 11: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Marcella Furtado, publicada pela editora Landmark em 2015.....54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O PAPEL DA MULHER DA BAIXA ARISTOCRACIA NA SOCIEDADE PATRIARCAL DE <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i> DE JANE AUSTEN.....	12
1.1 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE JANE AUSTEN NO INÍCIO DA ERA VITORIANA.....	12
1.2 PATRIARCALISMO EM <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i>	20
2 ANÁLISE PARATEXTUAL DE 9 TRADUÇÕES BRASILEIRAS.....	27
2.1 RELEVÂNCIA DA ANÁLISE PARATEXTUAL.....	27
2.2 EDIÇÕES DE BOLSO DE <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i> TENDO COMO BASE A TEORIA DE GENETTE.....	28
2.2.1 Tradução de <i>Orgulho e Preconceito</i> por Roberto Leal Ferreira Versão de Bolso Publicada pela Editora Martin Claret.....	31
2.2.2 Tradução De <i>Orgulho e Preconceito</i> de Lúcio Cardoso Publicada Pela Editora Best Bolso.....	32
2.2.3 Tradução de <i>Orgulho e Preconceito</i> por Celina Portocarrero Publicada pela Editora LP&M.....	35
2.3 TRADUÇÃO DE <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i> DE ALEXANDRE BARBOSA PELA EDITORA PENGUIN E COMPANHIA DAS LETRAS.....	38
2.4 TRADUÇÕES DE ROBERTO LEAL FERREIRA PRESENTES NAS VERSÕES 3 EM 1 DA OBRA <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i> PUBLICADAS PELA EDITORA MARTIN CLARET E ANÁLISE DE SEUS ELEMENTOS PARATEXTUAIS.....	41
2.4.1 Tradução de Roberto Leal Ferreira Presente na Versão 3 m 1 da Editora Martin Claret em Capa Brochura.....	41
2.4.2 Versão 3 em 1 de <i>Orgulho e Preconceito</i> publicada pela Editora Martin Claret em Capa Dura.....	43
2.5 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES PRESENTES NAS ADAPTAÇÕES DA OBRA <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i>	45
2.5.1 Versão de <i>Orgulho e Preconceito e Zumbis</i> Publicado pela Editora Intrínseca.....	45
2.5.2 Versão <i>A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito</i>	46
2.5.3 Versão em Quadrinhos de <i>Orgulho e Preconceito</i>	47

3 ANÁLISE DE DUAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS.....	51
3.1 TRADUÇÃO DE <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i> POR ROBERTO LEAL FERREIRA PUBLICADA PELA EDITORA MARTIN CLARET.....	52
3.2 TRADUÇÃO EM VERSÃO BILINGUE DE <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i> POR MARCELLA FURTADO PUBLICADA PELA EDITORA LANDMARK.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62
ANEXO A - ESQUEMA SINTETIZADO PARA DESCRIÇÃO DE TRADUÇÃO LAMBERT E VAN GORP (2006, p. 221).....	65
ANEXO B – PARATEXTOS ANALISADOS.....	67

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar a obra *Orgulho e Preconceito* da escritora inglesa Jane Austen no que tange à literatura, sociedade e traduções brasileiras. Temas que ainda não foram explorados amplamente; por isso pretendemos contribuir com o conhecimento literário por meio desta análise. A metodologia da pesquisa se deu de forma bibliográfica, exploratória e investigativa. Para realizarmos nossa análise, utilizamos como base fontes sólidas de pesquisa, nas quais exploramos informações e desta forma buscamos os resultados para nosso tema.

Nossa análise foi realizada contemplando fatores tais como a análise do papel da mulher na sociedade patriarcal da época. Sabemos que apesar de ser uma obra de ficção *Orgulho de Preconceito* relata o padrão da sociedade Inglesa da era Vitoriana do século XIX, e por isso a obra nos auxilia no que se refere à compreensão da sociedade da época. Assim, pelo intermeio de análise dessa obra, esperamos entender porque os homens possuíam intermináveis privilégios e as mulheres eram destinadas a viver para agradar a sociedade. E também queremos compreender quais motivos levaram Jane Austen a denunciar a sociedade em sua obra.

Além disso, em nossa pesquisa será realizada a análise dos paratextos das traduções brasileiras visando compreender a recepção da obra no polissistema literário brasileiro. Nossa análise terá como base a teoria cunhada por Gérard Genette (2006), que afirma que os paratextos que acompanham um livro, são extremamente necessários para uma compreensão mais eficaz da obra, auxiliando em sua interpretação. E, por fim, será realizada a análise de duas traduções brasileiras do livro em questão, visando compreender se as traduções abordadas são domesticadas ou estrangeirizantes, tendo como base a teoria de Lawrence Venuti (2002).

A obra *Orgulho e Preconceito* foi o segundo romance publicado por Austen e é considerado como um dos seus principais livros. A autora se referia a esta obra como o seu “filho querido” que ela descreveu como “leve & brilhante & cintilante

demais” segundo Julia Romeu em seu prefácio introdutório da obra, publicada pela editora BestBolso no ano de 2016, p.6. Podemos perceber nesta obra as críticas de Jane Austen à sociedade patriarcal do século XIX, que sempre privilegiava os homens em detrimento das mulheres. Por meio de seus personagens, percebemos que Austen era uma grande observadora das relações sociais, o que a conduziu a descrever seus personagens com grande maestria.

Observando a recepção da obra no polissistema literário brasileiro, podemos perceber como suas obras são bem conceituadas pela maioria de nossos críticos literários. Tendo como base os paratextos das edições lançadas no Brasil, percebemos que os elementos paratextuais de acordo com a teoria de Gerard Genette (2006), são de suma importância para uma compreensão eficaz da obra e nos mostram além de tudo, como Austen permanece bem inserida no polissistema literário brasileiro. Analisando duas traduções da obra, tendo como base o texto fonte publicado em 1813, poderemos compreender quais foram os procedimentos técnicos tradutórios adotados por Roberto Leal Ferreira (2012) e Marcella Furtado (2015) ao traduzirem a obra para o português brasileiro, utilizando a teoria de Lawrence Venuti (2002).

Consideramos que os fatores abordados ao longo deste trabalho poderão contribuir com a comunidade acadêmica. De forma a esclarecer fatores relacionadas a literatura, sociedade patriarcal e as traduções brasileiras, tendo como base a obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. Contribuindo assim, para o conhecimento literário e para os estudos da tradução, tendo como base a obra em questão esperamos responder as questões supracitadas.

1. O PAPEL DA MULHER DA BAIXA ARISTOCRACIA NA SOCIEDADE PATRIARCAL DE *ORGULHO E PRECONCEITO* DE JANE AUSTEN

Neste capítulo pretendemos contextualizar os escritos de Jane Austen no início da Era Vitoriana, revelando informações importantes sobre a vida da autora que contribuíram grandemente para a compreensão de suas obras. Além disso, analisaremos a sociedade patriarcal da obra *Orgulho e Preconceito*, que retrata de forma clara qual era o papel da mulher da baixa aristocracia na Inglaterra do século XIX.

1.1 CONTEXTO DE PRODUÇÃO DE JANE AUSTEN NO INÍCIO DA ERA VITORIANA

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775 em Steventon perto de Basingstoke, em Hampshire, Inglaterra. E morreu em Winchester no dia 18 de julho de 1817, de forma prematura aos 41 anos; o que fez com que muitas especulações surgissem acerca do motivo de sua morte. Especialistas afirmam que Austen provavelmente morreu de uma doença chamada Mal de Addison, que é uma doença rara que retira do corpo a capacidade de produzir hormônios fundamentais. Mas outros estudos apontam que Jane Austen poderia ter morrido de câncer, linfoma de Hodgkin, tuberculose bovina ou da doença de Brill-Zinsser, entretanto, nenhum cientista conseguiu comprovar qual foi o real motivo da morte de Jane Austen.

A família da escritora Jane Austen pertencia à nobreza agrária; desta forma, podemos afirmar que o contexto no qual ela estava inserida, serviu de inspiração para a criação de suas obras. As obras de Austen giram em torno do desenrolar matrimonial e relatam os costumes das famílias que pertenciam à baixa aristocracia. Jane era a sétima filha de uma família de oito irmãos e era a segunda filha mulher. Seu pai era um reverendo anglicano chamado George Austen e sua mãe era uma descendente da nobreza que se chamava Cassandra Leigh Austen.

Jane era muito ligada a sua irmã mais velha que também se chamava Cassandra, com quem existem diversas correspondências conhecidas trocadas. Não existem provas de que Jane foi cortejada por alguém, apenas um envolvimento com Thomas Lefroy aos 20 anos, que não resultou em casamento, pois ele não podia casar por motivos econômicos. Tal fato foi relatado por Austen a Cassandra em uma correspondência e talvez sendo fonte da crítica da autora aos casamentos por motivos financeiros. Thomas era sobrinho da mentora de Jane, Madame Lefroy, mas ela dissuadiu Jane de investir neste romance, e enviou seu sobrinho para longe, pois não queria que ele se casasse com uma mulher sem posição social. Nem Jane nem Cassandra se casaram.

Pode-se afirmar que Jane Austen é uma escritora à frente de seu tempo, pois suas obras permanecem atuais, atraindo milhares de fãs ao redor do mundo. Ela é considerada por muitos críticos uma das maiores escritoras da língua inglesa, apesar de ter escrito muito pouco, visto que publicou apenas seis romances. A autora é reconhecida literariamente pela forma sutil de denunciar os costumes burgueses da sociedade da época, e foi umas das principais influenciadoras do romance inglês, como afirma Vasconcelos, em seu livro *A ascensão do romance inglês*:

Jane Austen conseguiu abrir novas perspectivas para o gênero. Apoiada na tradição estabelecida por seus antecessores, ela foi capaz de combinar de forma genial as técnicas utilizadas por Richardson e Fielding. Como o primeiro, fez da fina análise e investigação psicológica de suas personagens uma das linhas de força de seu romance. (VASCONCELOS, 2007, p. 220)

O nome de Jane Austen está ao lado do de grandes escritores ingleses, devido a sua grande maestria ao descrever seus personagens, e por conseguir transmitir aos seus leitores, de forma clara e objetiva, a revelação de qual era o papel da mulher na Inglaterra do século XIX. Em uma primeira leitura, talvez não fiquem claros os objetivos da autora de ironizar o comportamento burguês da época, mas ao analisar de forma concisa suas obras, podemos perceber que Jane relatava a sociedade da época como um espelho do que tal sociedade realmente era. Ainda segundo as palavras de Sandra:

De Fielding, herdou o olhar crítico do narrador que observa suas personagens se moverem no mundo das convenções sociais e as retrata com ironia de quem as vê à distância e pelo lado de fora. O riso e a perspectiva irônicos, o desprezo pela pretensão e hipocrisia revelam semelhanças de atitude entre os dois romancistas... Ao combinar qualidades de Richardson e Fielding à sua marca pessoal, Jane Austen iria conduzir o gênero por novos rumos. (VASCONCELOS, 2007, p.221)

Austen é reconhecida como uma das principais influenciadoras do romance na Europa e na Inglaterra. Sem sua obra não saberíamos ao certo como eram as convenções sociais na aristocracia rural do século XIX. A Europa estava em convulsão durante o período que Austen escreveu, em razão de que no século dezenove ocorreram as guerras Napoleônicas e grandes revoluções como a Revolução Francesa e a Revolução Liberal. A educação da mulher na época de Jane Austen era muito restrita, porque ainda não existia um sistema educacional formado.

Existiam algumas “escolas para damas”, que não eram muito bem vistas, devido ao fato de que a instrução dos professores não era bem conceituada e muitas vezes os professores não eram considerados “educados” o suficiente para os padrões da alta sociedade, mas o principal motivo pelo qual as escolas para damas não eram bem vistas no século XIX era porque a sociedade acreditava que o verdadeiro lugar das mulheres era em casa e não na escola. A educação das crianças era feita nas escolas dominicais e as famílias mais abastadas utilizavam o serviço de tutores.

Jane passou poucos anos em escolas, visto que era comum que as famílias enviassem os filhos homens para viverem na casa de um tutor. Dado que o pai de Jane era um tutor, pode-se supor que Austen foi uma mulher muitíssimo bem instruída para seu tempo, pois grande parte do que aprendeu foi dentro de sua própria casa, com os exemplares da biblioteca de seu pai. Existem especulações de que na biblioteca dos Austen existiam livros de escritores como William Shakespeare, Henry Fielding, Richardson, Sir Walter Scott, George Crabber, Maria Edgeworth e Cecília Frances Burney, os livros desses escritores podem ter servido como inspiração para a escritora. Como Jane advinha de uma família que promovia o ensino, as letras e a leitura, ela acabou por desenvolver um grande talento no que se refere ao ato de escrever e compor textos, textos tais que sempre representaram os valores familiares importantes para Austen, de acordo com Virginia:

De mais a mais, toda a formação literária que uma mulher recebia no início do século XIX era concentrada na observação do caráter, na análise da emoção. Sua sensibilidade fora cultivada durante séculos pelas influências da sala de estar. Os sentimentos das pessoas estavam impressos nela; as relações pessoais estavam sempre diante de seus olhos. (WOOLF, 1998, p.80)

Por mais que Jane tenha sido muitíssimo bem instruída em seu lar, e tenha lido muitos livros, ao observarmos suas obras, podemos afirmar que sua principal “escola” foram as relações sociais, e os sentimentos humanos, que a autora tão bem descreve em seus escritos, foram aprendidos na sala de estar, não somente nos livros. No período da vida de Jane ocorreram diversas turbulências no mundo, e também na Inglaterra o príncipe de Gales George assumiu o reino, período que foi chamado de regência, considerado um período da era de transição entre a Era Georgiana e a Era Vitoriana. Jane Austen viveu em vilarejo rural durante boa parte de sua vida, e pertencia à baixa aristocracia. Nunca saiu da Inglaterra e seu contato com a pequena nobreza se deu graças à condição de clérigo de seu pai, por vir de uma família que dependia de relações de patronagem; Jane valorizava o poder da aristocracia, mas também o ironizava.

Por isso este é o mundo que ela retrata principalmente por meio da personagem Elizabeth Bennet de “*Orgulho e Preconceito*”. Na obra, Elizabeth pertence à mesma classe social de Jane Austen, a baixa aristocracia, pois como afirma Julia Prewitt Brown, Elizabeth Bennet pertencia à *lower gentry*, que podemos traduzir como pequena nobreza, ou baixa aristocracia, que era considerada inferior. Elizabeth vinha de uma linhagem real, mas não possuía um título de nobreza, e além de tudo a renda anual de sua família era pequena. Por outro lado, o Sr. Darcy, que também não possuía título de nobreza, mas contava com renda anual de um valor extremamente significativo para a época, equivalente à renda de um nobre. O Sr. Darcy pertencia a uma família antiga, que possuía muitas propriedades e investimentos, sendo que os mesmos lhe proveram uma substancial renda, o que lhe inseriu na vida aristocrática. Conforme as palavras de Brown:

Tecnicamente, Darcy não é um membro da aristocracia, porque ele não possui um título de nobreza, mas pertence a uma família antiga e possui a propriedade da família, e também os investimentos que lhe produzem uma enorme renda, sendo que a mesma é necessária para a participação na vida aristocrática... O fato de Darcy contrair matrimônio com Elizabeth Bennet, uma moça que faz parte da pequena nobreza, considerada como

inferior, mostra que apesar de sua linhagem antiga, ele não é muito aliado à aristocracia superior. (BROWN, 1985, p.8, tradução nossa¹)

O papel da mulher na sociedade patriarcal da Obra “*Orgulho e Preconceito*” de Jane Austen retrata claramente o que acontecia na época em que Jane viveu, na qual a mulher sempre perdia o direito à herança de seus pais para seu parente homem mais próximo. Então, geralmente, elas precisavam garantir um bom matrimônio para que pudessem ter uma renda garantida. Austen pode não ter escrito sobre Napoleão ou sobre as revoluções que aconteceram enquanto viveu, mas não deixou despercebido o papel das mulheres na sociedade da época.

Estas muitas vezes tinham sua existência negligenciada para que vivessem em favor de seus maridos, sendo que todos os bens sempre seriam dos homens, e de seus filhos homens. Em contraste, a mulher não poderia ganhar dinheiro, conquanto o provento sempre seria de seu marido e a esposa simplesmente não possuía nenhuma capacidade legal sobre a sua vida ou sobre o seu corpo. Nas histórias de Austen apenas o casamento representava uma segurança e certa independência, fato real para as mulheres que viveram na Inglaterra durante o século XIX. Mas como afirma Virginia Woolf em sua obra *Um Teto Todo Seu*, uma das mudanças mais importantes do século XIX foi o fato de as mulheres da classe média começarem a apreciar a arte da escrita, em suas palavras:

Assim no término do século XVIII promoveu-se uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo a história, descreveria mais integralmente e consideraria de maior importância do que as Cruzadas ou as Guerras das Rosas: a mulher da classe média começou a escrever. Porque, se *Orgulho e Preconceito* tem alguma importância, se têm alguma importância *Middlemarch* e *Villette* e *O morro dos ventos uivantes*, então é muito mais importante que eu consiga provar, numa conferência de uma hora, que as mulheres em geral, e não apenas a aristocrata solitária encerrada em sua casa de campo, em meio a seus fôlios e aduladores, começaram a gostar de escrever. (WOOLF, 1998, p.78)

A partir do momento em que as mulheres passaram a escrever, começamos a conhecer suas histórias e sua realidade, o que até então só era descrito através da visão dos homens. E ao falarmos de romance na Inglaterra, nunca poderemos nos

¹ “Technically, Darcy is not a member of the aristocracy, because he does not have a title, but he belongs to an ancient family and possesses family property and investments that yield the enormous income necessary to participate in aristocratic life...The fact that Darcy marries Elizabeth Bennet, a member of the lower gentry, shows that despite his ancient lineage, he is not greatly allied with the upper aristocracy” (Brown, 1985, p.8).

esquecer deste grande nome que influenciou fortemente o romance Europeu: Jane Austen combinou de forma objetiva o realismo psicológico com doses nada moderadas de ironia, ao descrever seus personagens e ao escrever seus aclamados romances, de acordo com Sandra:

Encerrar essa introdução com Jane Austen e com a conclusão de que, com ela, o romance como gênero havia atingido a maioria implica correr o risco de sugerir uma espécie de teleologia, como se todo o século XVIII tivesse significado apenas um percurso retilíneo e sem percalços em direção à autora de *Pride and Prejudice*. O ponto que aqui aponho não deve ser compreendido como se o romance do século XVIII tivesse sido apenas uma etapa preparatório que tivesse chegado a seu termo somente quando Austen combinou o realismo psicológico de Richardson e o controle formal e a ironia de Fielding. (VASCONCELOS, 2007, p.221)

Por ter vivido no período conturbado das últimas décadas do século XVIII e as primeiras décadas do século XIX, que foi como já relatamos acima, marcado pelas Guerras de Napoleão, pela revolução industrial e pelo crescimento econômico da Inglaterra, Austen foi uma escritora que abordou as questões que dizem respeito ao papel social exercido por homens e mulheres naquela época, a visão que o mundo tinha de como deveriam ser as convenções sociais, os valores familiares e a ordem patriarcal. Acreditamos que a autora tenha abordado tais fatos, pois foram às questões que mais a afetaram durante sua vida. Não podemos, entretanto, considerar Jane Austen uma escritora propriamente feminista, pois Jane não participou de debates do gênero em sua época ou defendeu de forma clara e aberta os direitos das mulheres do sexo feminino. De acordo com Butler:

Grande parte da teoria e da literatura feministas supõe, todavia, a existência de um “fazedor” por trás da obra. Argumenta-se que sem um agente pode haver ação e, portanto, potencial para iniciar qualquer transformação das relações de dominação no seio da sociedade. (BUTLER, 2003, p. 49)

Entretanto, a obra de Austen questiona, de forma sutil, as relações de poder e os papéis exercidos por homens e mulheres. A autora denuncia o patriarcalismo de forma irônica e sagaz, e muitas vezes só podemos perceber tal denúncia através de uma análise minuciosa de sua obra. Como Jane se tornou muito mais conhecida após sua morte, podemos afirmar que de uma forma ou de outra, ela pode ter influenciado os movimentos feministas que a sucederam, pois suas obras denunciaram fortemente os fardos carregados pelas mulheres que viveram no século XIX.

Da mesma forma, pode-se afirmar que Jane Austen foi uma mulher que sofreu diversas opressões impostas pelo sexo masculino ao sexo feminino em sua época, por ser oriunda de uma família considerada da baixa aristocracia, e por depender da boa vontade de seus parentes para sobreviver. Por nunca ter se casado e nem ter recebido o espólio de seu pai, Jane foi uma vítima das relações de poder de sua época. Seu pai, um clérigo, não deixou praticamente nenhum bem para ela, para sua mãe, ou para sua irmã Cassandra, que ficaram quase desamparadas após sua morte. As três contavam com poucos meios para sobreviver, e Jane passou sua vida se mudando entre casas de parentes, sendo finalmente instalada na casa de um irmão em Kent no ano de 1809. Jane não recebeu herança alguma, e por ser mulher não poderia exercer um trabalho remunerado, não ficou destinada a ela uma substancial renda. Até mesmo o ato de escrever de Austen foi realizado de forma secreta a fim de que seus familiares não viessem a julgá-la, pois como relata Woolf:

Jane Austen escreveu assim até o fim de seus dias. "Como conseguiu fazer tudo isso", diz o sobrinho dela em suas Memórias, "é surpreendente, pois ela não tinha um estúdio próprio para onde pudesse ir, e a maior parte do trabalho deve ter sido feita na sala de estar, sujeita a todo tipo de interrupções corriqueiras. Ela tomava cuidado para que os criados ou visitantes ou quaisquer pessoas fora da família não suspeitassem de sua ocupação" (WOOLF, 1998, p.80)

Acreditamos que por esses e outros fatores Jane se sentiu motivada a extravasar por intermédio da literatura e de suas personagens o desprezo pelas convenções sociais da época, que só beneficiavam os homens, possuidores de uma série de privilégios inacabáveis, enquanto as mulheres eram sujeitadas a aceitarem sua situação limitada pelos dogmas impostos pela sociedade patriarcal do século XIX. Tal século foi marcado pelo aparecimento de romancistas mulheres, que criaram e sustentaram um mercado para sua literatura e assim gradativamente, tornaram-se escritoras profissionais, mas sofreram muitas críticas e tiveram de suportar muitas opressões, pois como afirma Woolf:

Mas quanto lhes deve ter sido impossível não pender para a direita ou para a esquerda! Que talento, que integridade devem ter sido necessários diante de toda aquela crítica, em meio àquela sociedade puramente patriarcal, para que elas se ativessem à coisa tal como a viam, sem se acovardarem. Apenas Jane Austen conseguiu, e Emily Brontë. (WOOLF, 1998, p. 88)

Jane dedicou-se ao ato da escrita, com o objetivo de vir a tornar-se uma escritora reconhecida profissionalmente, mas seu irmão Henry Austen, desejou passar uma imagem de humildade para a escritora, após sua morte. Nos primórdios do século dezanove, uma mulher que escrevia e que publicava suas obras não era vista de uma forma muito positiva pela sociedade; por isso, muitas mulheres publicavam seus trabalhos iniciais de forma anônima, o que Jane Austen também fez.

Algumas mulheres viam a arte literária como um meio de ganhar rendimentos, visto que, apesar das diversas críticas que recebiam, esta era uma forma honesta de se ganhar dinheiro. Contudo, seria muito difícil que uma mulher conseguisse se sustentar apenas com os rendimentos das obras publicadas. Até o século XVIII não havia escritos feitos por mulheres. Assim, tudo o que conhecemos sobre as mulheres que antecederam Jane Austen são escritos feitos por homens, de acordo com o Woolf: “Era estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção, até a época de Jane Austen, eram não apenas vistas pelo outro sexo, como também vistas somente em relação ao outro sexo” (WOOLF, 1998, p.98). Além de serem descritas somente pelos homens, durante muito tempo as mulheres só foram vistas de uma forma relacionada aos homens, ainda segundo as palavras de Woolf:

Mas o que acho deplorável, prossegui, percorrendo novamente com o olhar as prateleiras da estante, é o fato de não se saber nada sobre as mulheres antes do século XVIII. Não tenho na mente nenhum modelo para virar de um lado para outro. Eis-me aqui a perguntar por que as mulheres não escreviam poesia no período elisabetano, e nem tenho certeza de como eram educadas: se aprendiam a escrever; se tinham salas de estar próprias; quantas mulheres tiveram filhos antes dos vinte e um anos; o que, em suma, faziam elas das oito da manhã às oito da noite. (WOOLF, 1998, p.55)

Então, por essas razões, devemos aclamar Jane Austen, pois pelos seus escritos podemos compreender a vida de uma mulher na Inglaterra no século XIX. Os primeiros trabalhos da escritora foram condensados em uma obra denominada *Juvenília*, datados de 1787 a 1793, que possui textos que Austen escreveu para entreter sua família enquanto era jovem, mas o primeiro romance publicado por Jane Austen foi *Razão e Sensibilidade* no ano de 1811, e em 1813 publicou *Orgulho e Preconceito*. Após a publicação de tais romances Austen se tornou uma escritora conhecida, mas não obteve um grande retorno financeiro por suas obras, a quantia que recebeu não foi suficiente para se sustentar.

1.2 PATRIARCALISMO EM *ORGULHO E PRECONCEITO*

O livro *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen pode ser considerado um dos romances mais populares da escritora, nele Austen nos traz uma narrativa que discute de forma veemente as questões matrimoniais, como se dão as primeiras impressões e os pré-julgamentos, as relações familiares, os costumes e as tradições. A obra tem como cenário a sociedade aristocrática rural da Inglaterra do século XIX, a história se passa em Hertfordshire e relata os primórdios dos desentendimentos do casal protagonista, sendo eles Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy. O título *Orgulho e Preconceito* pode referir-se entre diversos fatores, à primeira impressão que Elizabeth e Darcy causaram um no outro ao se conhecerem. O título original da obra seria “Primeiras Impressões”, e foi escrito entre 1796 e 1797, mas a obra nunca foi publicada com este título. Posteriormente, o livro foi revisado e publicado em 28 de janeiro de 1813. É o romance mais famoso de Jane Austen, tendo sido publicadas três edições de 1813 a 1817 e sendo outras milhares de edições lançadas posteriormente, em diversos idiomas. Woolf cita motivos para que possamos considerar *Orgulho e Preconceito* uma grande obra:

Sem fanfarronices e sem ferir o sexo oposto, pode-se dizer que *Orgulho e Preconceito* é um bom livro. De qualquer modo, ninguém sentiria vergonha de ser apanhado no ato de escrever *Orgulho e preconceito*. E, no entanto, Jane Austen ficava contente quando uma dobradiça rangia, de modo que pudesse esconder seu manuscrito antes que alguém entrasse... E, pus-me a imaginar, seria *Orgulho e Preconceito* um romance melhor se Jane Austen não tivesse considerado necessário esconder seu manuscrito dos visitantes? Li uma ou duas páginas para verificar, mas não consegui encontrar sinal algum de que as circunstâncias em que ela viveu tivessem causado o menor dano ao seu trabalho. Esse talvez fosse o principal milagre daquilo. Ali estava uma mulher, por volta de 1800, escrevendo sem ódio, sem amargura, sem medo, sem protestos, sem pregações. (WOOLF, 1998, p.80-81)

Orgulho e Preconceito é uma obra marcada pela transição da fase inicial para os trabalhos da maturidade de Austen, evidenciada pela sutileza e pela ironia. Sendo um espelho da estrutura social da Inglaterra do final do século dezoito e início do dezenove, transpõe as relações de poder vivenciadas na época, bem como os papéis exercidos pelos homens e pelas mulheres, além do poder econômico que quase sempre estava em favor dos homens. A protagonista Elizabeth Bennet buscava se casar por amor, fato muito incomum na sociedade da época; a forte

personagem queria encontrar dentro da instituição matrimonial um espaço para que pudesse ser feliz.

No desenrolar da história conhecemos melhor a personalidade da protagonista Elizabeth Bennet, uma jovem de 20 anos, extremamente sagaz e inteligente, e uma das personagens mais complexas de Jane Austen. Elizabeth é completamente centrada e autoconfiante; Lizzy como sua família costuma chamá-la, possui muita sabedoria no que desrespeito às relações sociais, fator que causa admiração nos leitores, pois o rico Sr. Darcy que possuía a notável renda de 10 mil libras por ano e muitas propriedades se espanta defronte a força de espírito e sagacidade de Elizabeth. A protagonista serve como alicerce moral de sua família, pois está sempre tirando sua mãe e suas irmãs de situações delicadas em relação às convenções sociais.

Além disso, Lizzy ainda sabe julgar as pessoas com bom senso. Ela possui quatro irmãs, Jane, Kitty, Lydia e Mary. Jane é a irmã mais velha de Elizabeth e sua grande amiga, Jane não critica ninguém e é extremamente doce; Kitty e Lydia são duas adolescentes que só pensam em paqueras e em homens de farda; já Mary é apaixonada por livros o que marca a presença da atividade da escritora Jane Austen no Romance, mas Mary não tinha muita capacidade argumentativa, mesmo lendo muito, quando questionada sobre algum assunto, tinha dificuldade de se expressar ou de contribuir significativamente com seus pensamentos. Em um diálogo sobre as convenções sociais de apresentação de pessoas desconhecidas, prática comum no século XIX, na qual a Sra. Bennet implora ao Sr. Bennet que visite o Sr. Bingley antes do baile e apresente o famoso novo solteiro a suas filhas, o Sr. Bennet questiona a Sra. Bennet perguntando se ela acha que as formalidades de apresentação e a importância dada a elas são uma bobagem, e então ele pergunta a Mary qual é a opinião dela sobre isso, como podemos ver neste excerto: “Que você me diz, Mary? Sei que você é uma mocinha profundamente reflexiva, que lê grandes livros e faz resumo deles. Mary queria dizer algo inteligente, mas não sabia o quê”. (AUSTEN, 2012, p.15)

Mary gostava apenas de atividades eruditas e desdenhava dos interesses das irmãs, mas apesar de ler muito Mary não tinha capacidade de argumentação, como podemos ver no excerto acima, diferentemente de Elizabeth que tinha uma opinião sobre praticamente tudo. Através da personagem Mary podemos perceber, uma crítica da autora aos costumes da época que pregavam que as mulheres deveriam

ler muitos livros, fazer reflexões profundas a respeito deles e buscar outros talentos considerados eruditos. Mas muitas mulheres que buscavam tais dotes, não possuíam a capacidade de pensar por si próprias; com essa crítica, podemos perceber que apesar de todos os seus esforços, Mary não se tornou tão inteligente quanto imaginava; a leitura exagerada de Mary e o seu claro desprezo por outras atividades consideradas menos “eruditas” não fizeram com que ela possuísse uma noção crítica sobre o mundo ao seu redor, pois tal noção só poderia ser adquirida através da convivência com outros seres humanos.

O Sr. Bennet, pai de Elizabeth, é um senhor que dedica boa parte de seu tempo ao estudo. Ele é casado com a Sra. Bennet, uma mulher desesperada por casar suas 5 filhas, visto que, como o Sr e Sra. Bennet não tiveram filhos homens, todo o patrimônio da família irá para um primo distante, chamado Sr. Collins, que herdará tudo quando o Sr. Bennet vir a falecer. Assim, a Sra. Bennet e suas filhas não casadas ficarão sem casa, e com uma renda considerada muito pequena.

No desenvolvimento do enredo, a família reside em Hertfordshire e participa de todos os eventos que ocorrem na cidade. Em um baile Elizabeth conhece o Sr. Darcy, mas as primeiras impressões do casal como relatamos acima, não foram positivas. Elizabeth julgou Darcy arrogante por não convidar nenhuma moça para dançar naquela noite. Por seu lado, Darcy ficou com uma péssima impressão da família de Elizabeth, principalmente de sua mãe, que praticamente empurrava suas filhas para potenciais pretendentes. A irmã mais velha de Elizabeth, Jane, possuidora de grande beleza, dança com o amigo de Darcy, Sr. Bingley durante o baile, e nesse ponto podemos perceber um possível matrimônio.

Sabemos que no século XIX, o principal papel que as mulheres deveriam desempenhar na sociedade era aquele de esposa e mãe, e para que conseguissem um bom casamento existiam algumas exigências que toda jovem deveria cumprir, sendo a principal delas possuir um dote. O dote era uma determinada quantia em dinheiro, um título de nobreza, rendas ou terras. Entretanto, muitas mulheres não nasciam em berços privilegiados e, por isso, não conseguiam oferecer um dote a um pretendente em potencial. Como Elizabeth e suas irmãs não possuíam um grande dote, as oportunidades de que viessem a contrair matrimônio eram mínimas, mas o destino operou em favor de Elizabeth e de Jane e as duas irmãs puderam se casar por amor, assim como sonhavam. A relação de Elizabeth e Jane pode ser comparada à relação de Jane Austen com sua irmã Cassandra, mas como neste

caso a realidade não imitou a arte, as duas irmãs Bennet se casaram diferentemente de Austen e de sua irmã.

Os matrimônios em *Orgulho e Preconceito* são de suma importância para uma análise profunda do papel da mulher na sociedade patriarcal da época, pois o casamento entre o Sr. Bingley e Jane Bennet só ocorre após o enfrentamento de difíceis situações - relacionadas ao dinheiro. Pois Jane, por ser mais reservada não demonstrava muito afeto ao Sr. Bingley que acabou por acreditar, que ela não o amava, e durante um tempo as convenções sociais que afirmavam que um homem rico deveria procurar uma mulher com um belo dote, prevaleceram. Mas depois de certo tempo, o amor falou mais alto e o mal entendido foi solucionado, desta forma Jane Bennet e o Sr. Bingley se casaram, apesar de Jane não possuir um considerável dote e pertencer à baixa aristocracia.

O casamento de Charlotte Lucas e o Sr. Collins também é de suma importância para nossa análise, pois nos mostra um lado não muito romântico do século XIX, tal casamento aconteceu pois Elizabeth Bennet rejeitou se casar com o primo que herdaria toda a fortuna de seu pai o famoso Sr. Collins, pois ela almejava se casar por amor, e então Charlotte Lucas, uma amiga de Lizzy, uma mulher solteira, que não queria ser um peso para sua família, demonstra interesse pelo Sr, Collins, sendo a quem este propõe casamento. Charlotte aceita o seu pedido, pois queria se casar para garantir sua estabilidade financeira e para deixar de ser um problema para seus familiares. Quando questionada por Elizabeth sobre o porquê de ter aceitado se casar com um homem que não amava, Charlotte respondeu que não era romântica e queria um lar decente e estabilidade financeira, como podemos ver no excerto abaixo:

- Sei o que você está sentindo – respondeu Charlotte. – Deve estar surpresa, muito surpresa...pois há muito pouco tempo o sr. Collins queria casar-se com você. Mas, quando tiver tido tempo de refletir sobre o caso, espero que se alegre com o que fiz. Você sabe que não sou romântica; nunca fui. Quero apenas um lar decente; e, considerando o caráter, as relações e a situação financeira do sr. Collins, estou certa de que minhas possibilidades de ser feliz com ele são tão razoáveis quanto as da maioria das pessoas que chegam à condição matrimonial. (AUSTEN, 2012, p. 168)

Tendo como base a reflexão feita por Charlotte podemos compreender que ela acreditava que casar-se por amor era uma utopia que seria dificilmente alcançada, Charlotte se casou pela pressão imposta por suas condições sociais, condições tais que afetavam a vida de muitas mulheres no século XIX e que faziam

com que elas negligenciassem sua felicidade em favor das convenções impostas pela sociedade buscando sua sobrevivência e estabilidade financeira. Pois como afirma Brown: Da mesma forma, na visão mais vitoriana de Austen, a mudança social parece originar-se de forças econômicas externas. Por exemplo, os personagens muitas vezes se casam por razões econômicas. (BROWN, 1985, p.6, tradução nossa²). De acordo com Brown alguns personagens descritos nas obras de Austen se casavam por razões econômicas, por isso não podemos considerar o caso de Charlotte como um caso isolado. Entretanto Lizzy, não compartilhava da mesma visão e acreditava que sua amiga nunca seria razoavelmente feliz sendo esposa do Sr. Collins.

Outro casamento que se forma devido aos dogmas impostos pela sociedade é o Wickham e Lydia, com a chegada do exército na cidade, Lizzy conhece o Sr. Wickham, e ele relata a Elizabeth que conhece Darcy desde a infância, e que Darcy o excluiu da herança que recebeu do pai, não delegando a ele o cargo clérigo que almejava e que o pai de Darcy supostamente o teria destinado. Desta forma, Elizabeth sente ainda mais aversão pelo Sr. Darcy, mas durante uma visita que o Sr. Darcy resolve fazer a sua tia, ele encontra Elizabeth várias vezes e acaba se apaixonando por ela, e ele lhe propõe casamento, mas mesmo em seu discurso de amor Darcy colocou Elizabeth em posição inferior, devido a sua classe social. Elizabeth o rejeita com vivacidade, afirmando que ele é uma pessoa desagradável e arrogante, além de o acusar de ser o culpado por distanciar Bingley de sua amada irmã Jane, assim como de não cumprir os desejos de seu falecido pai deixando de destinar a parte da herança que deveria ser de Wickham, ela relata tudo o que Wickham a contou, e Darcy esclarece o que realmente aconteceu através de uma carta, Elizabeth descobre que Wickham é um mentiroso e percebe o quanto foi injusta com Darcy. Mas um dia chega a Elizabeth a notícia de que sua irmã Lydia havia fugido com Wickham sem se casar. E Darcy, ao saber do ocorrido, parte em busca de Wickham e o convence a se casar com Lydia, oferecendo-lhe generoso dote.

Pois, um fator muito importante para a sociedade da época era a pureza da mulher, fator tão decisivo quanto o dinheiro na sociedade do século XIX, e moças

² Similarly, in Austen's more Victorian view, social change appears to originate with exterior economic forces; for example, characters often marry for economic reasons. (BROWN, 1985, p.6)

que não eram consideradas puras eram renegadas e nunca se casavam. Todavia, como o dinheiro sempre foi um fator decisivo, comprando os julgamentos certos ou oferecendo um bom dote aos cafajestes, as famílias abastadas ou com bons contatos, sempre conseguiram recuperar a honra de suas jovens. Pois como afirma Watt: “[...] a assimilação dos valores do amor romântico ao casamento ocorreu bem cedo na Inglaterra, e estava diretamente ligada ao movimento puritano” (WATT, 1990, p. 136). Sendo assim, a honra advinha do movimento puritano, e poderia ser considerada superior até mesmo a sua condição social, pois uma mulher desonrada nunca conseguiria um bom casamento, e até mesmo sua família e suas irmãs poderiam ser prejudicadas por isso.

Darcy acabou por fornecer dinheiro a Wickham para que ele viesse a se casar com Lydia e assim recuperou sua honra e de sua família. Evidente fato é que Darcy tudo fez por amor, cujas ações foram reveladas a Elizabeth. Lady Catherine tia de Darcy descobre sobre o afeto de Darcy por Elizabeth e a visita, tentando dissuadir Lizzy de casar-se com seu sobrinho, afirmou que ele deveria se casar com sua filha, não com Elizabeth, pois ela a considerava inferior:

Desde a infância eles foram destinados um para o outro. Este era o maior desejo da mãe dele, como da mãe dela. Quando ainda de berço, planejamos a união; e agora, quando os desejos das duas irmãs iriam realizar-se com o casamento, vê-los destruídos por uma mocinha de nascimento inferior, sem nenhuma importância no mundo e completamente estranha à família. (AUSTEN, 2012, p. 438)

Mesmo com todas as ofensas de Lady Catherine e promessas de que a família dele a odiaria para sempre, Elizabeth não se deixou abalar e se recusou a prometer a Catherine que não se casaria com Darcy, pois ele nunca havia dito que se casaria com a prima, e segundo Lizzy só caberia a ele decidir com quem se casaria. Ao saber da reação de Elizabeth, Darcy vai até sua casa e lhe propõe casamento novamente, e a moça, para a surpresa de todos, o aceita.

As primeiras linhas de *Orgulho de Preconceito* falam sobre o fato de que os homens solteiros poderiam obter facilmente sua independência financeira, já as mulheres precisariam se casar o quanto antes, para que pudessem obter estabilidade. As obras de ficção de Jane Austen eram o seu meio para externar suas insatisfações quanto ao papel da mulher na sociedade, insatisfações tais, que ela não poderia externar de outra forma. No caso de Elizabeth Bennet, podemos afirmar que a personagem estava em busca do aperfeiçoamento de um sólido sistema

moral, mas Austen nunca excluiu de seus textos os sentimentos e os desejos dos indivíduos. O exemplo em *Orgulho e Preconceito* está no confronto entre os desejos individuais de Elizabeth e de Darcy em relação às regras da sociedade em que vivem.

Austen foi uma das primeiras mulheres a abordar a temática das questões de gênero com suavidade e ironia, suas obras relatam injustiças cotidianas de uma forma tão sutil, que faz com que os leitores venham a refletir sobre o sistema patriarcal que vigorava na Inglaterra do século XIX. Quando Jane expõe casos como o da família Bennet, que ficaria desamparada após a morte do Sr. Bennet, pois todos os bens iriam para o herdeiro homem mais próximo, podemos perceber que a escritora estava praticamente implorando para que a sociedade refletisse sobre tal costume. E quando nos deparamos com casos como o de Charlotte que resolveu se casar somente para obter estabilidade econômica, percebemos o quanto a sociedade era desigual no que se refere às questões de gênero.

Histórias como a de Lydia, que poderia vir a desonrar e comprometer o futuro de todas as suas irmãs por se deixar levar por uma aventura, nos mostra o quanto a sociedade buscava uma moral implacável, sempre olhando somente para os erros das mulheres. Todavia, a autora buscou trazer a esperança para seus leitores, através de histórias de amor tão belas quanto as de Elizabeth e Darcy e de Jane Bennet e o Sr. Bingley. Finais felizes motivam as pessoas mostrando que o mundo pode ser um lugar melhor, mesmo que já tenha existido e ainda exista tanta desigualdade social.

2 ANÁLISE PARATEXTUAL DE 9 TRADUÇÕES BRASILEIRAS

2.1 RELEVÂNCIA DA ANÁLISE PARATEXTUAL

No presente capítulo buscaremos analisar paratextos das traduções brasileiras da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. Nosso principal objetivo é o de analisar os elementos que compõem o livro, tais como: prefácio, capa, contracapa, introduções, lombada, orelha, notas entre outros. Visando compreender qual é a visão dos agentes do sistema literário brasileiro sobre a obra e sua temática, por meio de análises e depoimentos de editores, tradutores, críticos e jornalistas. A análise terá como base a teoria cunhada por Gérard Genette (2006), que afirma que os paratextos que acompanham um livro são de suma importância para uma compreensão mais eficaz da obra, nas palavras de Genette:

[...] título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos e etc; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; errata, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende (GENETTE, 2006, p. 9).

Desta forma, buscaremos analisar as questões propostas por meio da recepção da obra no polissistema literário brasileiro em face da obra traduzida e sua temática, por meio de notas, reportagens, releases, críticas de lançamentos entre outros.

2.2 EDIÇÕES DE BOLSO DE *ORGULHO E PRECONCEITO* TENDO COMO BASE A TEORIA DE GENETTE

As traduções da obra *Orgulho e Preconceito* da escritora Jane Austen traduzidas para o português brasileiro e publicadas em versões de bolso estão descritas no quadro abaixo.

Quadro 1 traduções da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen em versões de bolso traduzidas para o português brasileiro

Título Original	Ano do livro utilizado para tradução	Título	Tradutor	Editora	Ano da Publicação da Edição
Pride and Prejudice	1813	Orgulho e Preconceito	Roberto Leal Ferreira	Martin Claret	2013
Pride and Prejudice	1948	Orgulho e Preconceito	Lúcio Cardoso	Best Bolso	2016
Pride and Prejudice	1964	Orgulho e Preconceito	Celina Portocarrero	LP&M	2010

Fonte: Elaborado pela autora com base nas obras consultadas

Quando colocamos em pauta o assunto edição de bolso, podemos ouvir incontáveis críticas e também muitos elogios. As edições de bolso são edições em um tamanho menor de livros “comerciais”, por assim dizer - livros que vendem facilmente. Todavia, podemos nos questionar: Será que existe algum benefício real em obter uma edição de bolso? Geralmente, as edições de bolso tendem a cortar capítulos dos livros originais, não possuem riqueza na questão paratextual, pois são condensados, segundo Genette (2006, p.24).

Difícilmente encontramos em uma edição de bolso o texto integral da obra ou elementos como um bom prefácio, uma boa introdução, uma orelha informativa ou quaisquer outros paratextos que fomentem o desejo de ler e enriqueçam nossa percepção sobre a obra literária. Nesta seção, abordaremos três edições de bolso da obra *Orgulho e Preconceito* de nossa aclamada Jane Austen. Tais versões foram publicadas pelas editoras: Martin Claret, BestBolso e LP&M. Gerard Genette contempla a questão das versões de bolso em seu livro *Paratextos Editoriais* publicado em 2006, Genette nos apresenta sua concepção sobre os livros de bolso em seu capítulo que trata sobre o peritexto editorial:

A “cultura de bolso” é hoje um fato universal, e a expressão forjada por Hubert Damisch revelou-se, pondo de lado toda e qualquer avaliação, muito

bem adequada, porque a “edição de bolso” – isto é, simplesmente a reedição a preços baixos de obras antigas ou recentes que passaram antes pelo texto comercial da edição corrente – transformou-se num instrumento de “cultura”, em outras palavras, de constituição e, naturalmente, de difusão, de um acervo relativamente permanente de obras *ipso facto* consagradas como clássicas. (GENETTE, 2006, p.25)

As versões de *Orgulho e Preconceito* em formato de bolso que analisaremos detalhadamente em um momento posterior, são muito similares em alguns aspectos. As três versões possuem igualmente 61 capítulos; todavia, somente a versão da editora Martin Claret possui orelha enriquecendo o livro com informações valiosas sobre a vida de Austen e com um breve resumo da obra, mas tal versão não possui prefácio nem introdução. Já a versão da editora BestBolso possui um prefácio muito bem construído escrito por Julia Romeu e uma introdução escrita pelo tradutor da obra Lúcio Cardoso. A versão da editora LP&M possui uma espécie de prefácio que é chamada de introdução pelos editores, escrita por Ivo Barroso, na qual podemos encontrar informações riquíssimas sobre a obra em questão, e críticas inovadoras sobre a obra de Austen. Mas ainda nos remetemos à questão: Será que existe algum verdadeiro benefício na obtenção de uma versão de bolso ou de uma versão denominada “pocket”? De acordo com Genette:

Hoje o “formato de bolso” já não é, portanto, essencialmente um formato, mas um vasto conjunto ou uma nebulosa de coleções – porque quem diz “bolso” diz sempre “coleção” -, das mais populares às mais “elegantes”, ou mesmo às mais esnobes, cujo selo, muito mais do que a dimensão, veicula duas significações essenciais. Uma é puramente econômica, é a garantia (variável e por vezes ilusória) de um preço mais vantajoso: a outra é “cultural” na repise, isto é, na reedição. (GENETTE, 2006, p.25)

Então de acordo com Genette, a garantia de economia ao adquirimos uma edição de bolso pode ser considerada “variável e por vezes ilusória”, pois o único benefício que elas podem possuir é o baixo custo na aquisição. Entretanto, ele levanta outro ponto, a questão cultural, pois por ter um baixo custo ela é mais acessível, difundido de maneira mais ampla a literatura. Embora tenhamos informações riquíssimas em algumas versões, com mais espaço, tais informações que estão na versão de bolso, estando em uma versão maior, não poderiam ser de uma certa forma melhor embasadas? A tal coleção de bolso, ou o nome de uma editora, muitas vezes motiva o leitor a fazer sua aquisição. Porém, geralmente há uma diferença pequena de valor entre uma versão de bolso e uma versão de tamanho comum.

Se o leitor estivesse disposto a investir mais na obra adquirida, obtendo uma versão em tamanho normal, poderia obter um livro com letras muito maiores que facilitariam sua leitura evitando o cansaço. E também poderia obter uma versão que não tivesse capítulos excluídos, como é caso de algumas versões de bolso, mas não das que abordamos neste trabalho. E claro, se o leitor optasse por comprar uma versão de tamanho maior, poderia obter também um livro com uma abrangência muito maior de paratextos, que contribuiriam grandemente para sua compreensão da obra literária, como afirma Genette:

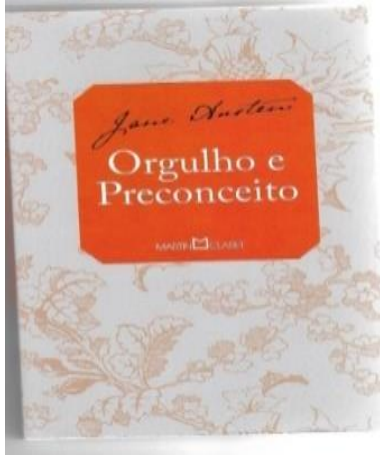
O sentido moderno, puramente quantitativo, da palavra “formato” é com certeza menos carregado de valor paratextual. As dimensões de nossas edições correntes normalizou-se em torno dos formatos médios do século XIX, com variações de acordo com os editores ou as coleções que quase já não tem pertinência em si mesmas, a não ser o costume seguido, há duas ou três décadas, de editar em formato relativamente maior (por volta de 16cmx24cm) os presumidos best-sellers, esses famosos “livros de entretenimento”, dos quais se disse mil vezes que deviam ser bastante grandes para que sua capa tivesse na vitrine o efeito de um cartaz, e bastante pesados para manter no chão uma toalha de banho: sem que o vento leve. Limitada por ser sazonal, e contraditada, ao menos, pela persistência, ou ressurgência, dos grandes formatos de prestígio, como os 19x24. (GENETTE, 2006, p.23)

Por fim, podemos concluir que os formatos das edições de bolso vendidos atualmente tendem a contemplar somente o texto da obra e ainda não de forma integral, e que tais versões tendem a excluir sem nenhuma objeção os elementos paratextuais, que são tão importantes para nossa formação literária. Os famosos best-sellers são livros que trazem um enorme lucro para as editoras, e a obra “*Orgulho e Preconceito*” de Jane Austen tornou-se um best seller, sendo impossível adentrar uma livraria de renome e não encontrar tal obra exibida nas bancadas, em diversos formatos e versões. Todavia, as edições de bolso das quais estamos tratando nesta seção, aparentemente não possuem algum benefício, além do custo no momento da aquisição. Mesmo não possuindo nenhum corte de capítulos e contemplando o texto integral da obra, podemos perceber de início que não existe um benefício real na aquisição de tais edições, pois as versões em tamanho normal são muito mais ricas e possuem benefícios muito maiores. Analisaremos detalhadamente as três versões de bolso da obra *Orgulho e Preconceito* e tentaremos procurar nelas benefícios que favorecem o leitor no período da leitura, por meio de uma análise dos seus quase inexistentes paratextos.

2.2.1 Tradução de *Orgulho e Preconceito* por Roberto Leal Ferreira Versão de Bolso Publicada pela Editora Martin Claret

A versão de bolso da obra *Orgulho e Preconceito* da editora Martin Claret publicada em São Paulo no ano de 2013, reimpressa no ano de 2014 contém 61 capítulos, e possui a tradução de Roberto Leal Ferreira. Design de capa elaborado por Manu Santos, direção de arte José Duarte T. de Castro. A capa possui design floral, o título do livro está em destaque escrito na cor branca dentro de um octógono vermelho logo abaixo do nome da escritora que está em letras cursivas pretas similares a sua assinatura original.

Figura 1: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Roberto Leal Ferreira, publicado pela editora Martin Claret no ano de 2013



Fonte: Acervo Pessoal

A lombada do livro é simples, pois possui apenas o nome da autora e do livro e em um tamanho muito pequeno o símbolo da editora. A contracapa do livro possui um breve resumo da obra feito por Roberto Leal Ferreira, com alguns trechos do livro. Mas a expressão mais interessante da contracapa é a seguinte:

Na obra, aspectos diferentes são abordados: orgulho encontra preconceito, ascendência social confronta desprezo social, equívocos e julgamentos antecipados conduzem alguns personagens ao sofrimento e ao escândalo. (FERREIRA, 2013, contracapa *apud* AUSTEN, 2013, contracapa).

Além disso, Roberto afirma que o livro pode ser considerado a obra prima de Jane Austen, que equilibra comédia com seriedade e a observação meticulosa das ironias humanas em sua ironia refinada. Fatores tais que já reforçamos no primeiro capítulo deste trabalho. A orelha do livro possui um design clássico com fundo

branco e o texto escrito em letras pretas, nos apresenta a genialidade de Jane Austen, que chegou á ser comparada com Shakespeare.

O texto da orelha do livro é encerrado com uma citação de Otto Maria Carpeaux que afirma que “Caracteres como Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy, em *Pride and Prejudice*, estão entre as criaturas mais completas da literatura universal.” A orelha da contracapa do livro possui um breve resumo sobre a vida de Jane Austen. Entretanto, o livro não possui prefácio, provavelmente por ser uma versão de bolso, com apenas 381 páginas.

2.2.2 Tradução de *Orgulho e Preconceito* de Lúcio Cardoso Publicada pela Editora Best Bolso

A tradução de “*Orgulho e Preconceito*” da editora Best Bolso, traduzida por Lúcio Cardoso, possui prefácio de Julia Romeu, e é a 8º edição publicada no Rio de Janeiro, sendo que tal versão é do ano de 2016. A revisão da tradução foi feita por Joana Faro, e tem como capa o design de Carolina Vaz, que apresenta uma pintura intitulada “Hearts Are Trumps” de John Everett Millais. Em um retângulo de cores em tons pastéis extremamente românticos encontramos a seguinte expressão: Romance Clássico de Jane Austen.

O nome da autora está em uma fonte maior do que as outras palavras. E o título do livro que vem logo abaixo está em maior destaque e com um plano de fundo diferente. No canto da capa, podemos encontrar o nome da editora, e a propaganda de que o livro está de acordo com a nova ortografia da língua portuguesa. Por o nome do livro estar em maior destaque do que todos os outros elementos, podemos afirmar que possivelmente a editora considera a obra como um livro de renome, e por isso acredita que conseguirá atrair o público com o seu título.

Figura 2: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Joana Faro, publicada pela editora BestBolso no ano de 2016



Fonte: Acervo Pessoal

A lombada é simples e possui apenas o título do livro e o nome da autora. Já a contracapa possui uma imagem de Jane Austen, e contém um pedacinho do prefácio escrito por Julia Romeu. Abaixo um pequeno resumo do livro, com uma bela expressão que diz: “A plena compreensão do mundo feminino e o domínio da forma e da ironia fizeram de Jane Austen uma das mais notáveis e influentes romancistas de sua época”. E bem abaixo encontramos outra expressão interessante, referindo-se a cultura de bolso: “Livros que cabem no seu bolso”, como propaganda da Editora Best Bolso.

A edição não possui orelha, e na primeira página encontramos praticamente as mesmas expressões que constam na contracapa do livro. O prefácio escrito por Julia Romeu se inicia de uma forma bem interessante, com uma expressão em destaque em seu título, mencionando uma carta que Jane escreveu ao seu sobrinho, na qual afirmava que o pequeno mundo de seus livros era como um “pedacinho de marfim”. Reforçando o que já falamos no primeiro capítulo sobre a época em que Jane Austen viveu, Romeu afirma que:

Embora tenha vivido numa época turbulenta – nascida durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos, ela foi contemporânea da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas, além de testemunha dos primórdios da Revolução Industrial -, escreveu apenas sobre o microcosmo que habitava, e nunca fugiu aos temas de que tratou em toda a sua obra: o amor e o casamento. (ROMEY, 2016, p.5 *apud* AUSTEN, 2016, p.5)

Em seguida Romeu fala sobre a questão de que se duas pessoas sem fortuna decidissem se casar, a sociedade não aprovaria. Tal fato, segundo Romeu, aconteceu com Jane Austen, porque ela não pode se casar com o grande amor de sua vida devido a sua condição social. Esta também relata que Jane recebeu um pedido de casamento de um vizinho que herdaria uma grande propriedade e que ela aceitou a proposta, mas voltou atrás no dia posterior, pois não queria se casar se

não fosse por amor. Em seguida, Romeu nos revela um breve resumo da obra *Orgulho e Preconceito*, em sua análise:

Isso para não falar dos maravilhosos personagens secundários que povoam *Orgulho e preconceito* – a galeria mais esplêndida de toda a obra de Austen, que era mestre em criar tipos humanos. Impossível não rir das tolices da Sra. Bennet, das filosofias do Sr. Bennet, das obviedades de Mary, dos absurdos do Sr. Collins e da arrogância inacreditável de Lady Catherine. Esse é o maior talento de Jane Austen, e o principal motivo da eternidade de seus livros: seus personagens são tão reais que, apesar de habitarem um lugar e uma época muito diferente da nossa, sentimos que os conhecemos. (ROMEU, 2016, p.7 *apud* AUSTEN, 2016, p.7)

Romeu conclui seu prefácio mencionando os milhares de exemplares de *Orgulho e Preconceito* já vendidos, e prossegue para o final de texto elogiando a tradução de Lúcio Cardoso, dizendo que nesta versão nos vemos diante de dois imensos talentos literários unidos em um volume só. Acreditamos que ela se refere a Jane Austen e ao tradutor ao qual chama de mestre Lúcio Cardoso. A introdução do livro é de Lúcio Cardoso – o tradutor desta edição fala sobre a importância dos escritos de Austen para a constituição do sistema literário inglês e apresenta uma revelação sobre as críticas que os livros de Austen receberam:

Críticos levantaram muitas objeções contra os seus livros, lembrando da inexperiência dessa moça obscura que ousara retratar com tão feroz realidade a sociedade e os hábitos da velha Inglaterra. Sua vida foi avidamente investigada e alguém chegou a lembrar que ela não poderia descrever paixões, pois nunca as tinha conhecido. Novas vozes afirmaram ainda que os tipos masculinos dos seus livros eram completamente falsos, destituídos de qualquer consistência. O Sr. Darcy de *Orgulho e Preconceito*, o mais bem-realizado dos seus heróis masculinos, segundo eles não passava de um simples boneco. Mas a verdade é que, apesar de tudo, os livros de Jane Austen atravessaram os anos dotados de uma assombrosa vitalidade. (CARDOSO, 2016, p.10 *apud* AUSTEN, 2016, p.10)

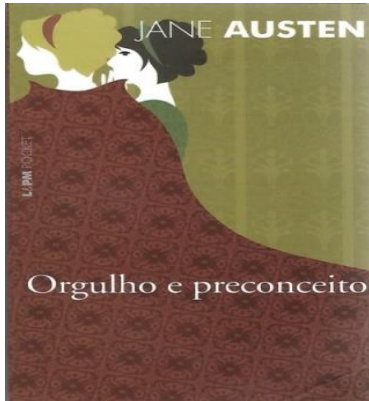
Então o que Cardoso provavelmente quis ressaltar é que apesar de todas as críticas que Austen recebeu, de que seus personagens eram irreais e de que sua literatura era em suma fantasiosa, sua obra não morreu, não ficou congelada, mas, pelo contrário, permaneceu conhecida e nas palavras dele “pelo sabor de sua indestrutível atualidade”. Essa edição possui 61 capítulos e não apresenta mais nenhum elemento paratextual.

2.2.3 Tradução de *Orgulho e Preconceito* por Celina Portocarrero Publicada pela Editora LP&M

Esta versão teve sua primeira impressão publicada em Janeiro de 2010, sendo que a presente edição é a reimpressão do ano de 2016, em Porto Alegre – RS. O livro possui tradução de Celina Portocarrero, apresentação de Ivo Barroso, e capa de editores da LP&M sobre ilustração de Birgit Amadori.

A capa contém uma imagem de duas moças, provavelmente em alusão às personagens Elizabeth Bennet e Jane Bennet, com vestidos longos, sendo que o vestido da primeira toma quase toda a capa. O nome da autora está no lado direito do livro, na parte de cima, e o título da obra está na parte de baixo da capa em uma fonte semelhante àquela do nome da autora. A diferença é que o nome da autora está escrito sobre um fundo verde pastel, e o nome do livro está escrito em cima de um fundo vermelho bordô que é o vestido da primeira moça, que acreditamos ser Jane Bennet. Por isso, acreditamos que provavelmente o intuito de quem elaborou a capa era realçar o nome do livro mais do que o nome da autora, pois o fundo vermelho chama mais atenção do que o fundo verde pastel.

Figura 3: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Celina Portocarrero, publicado pela editora LP&M no ano de 2010



Fonte: Acervo Pessoal

A lombada do livro é simples e contém o nome da editora, da autora e o título do livro, tendo sobre o fundo do vestido da moça representada na imagem. E exerce a função da lombada segundo as palavras de Genette: “A lombada, local exíguo, mas de evidente importância estratégica, traz na maioria das vezes, o nome do autor, o logotipo da editora e o título da obra.” (GENETTE, 2006, p.29). A lombada, por vezes, pode passar despercebida por alguns consumidores, mas é de grande valor, principalmente para leitores e colecionadores que gostam de organizar seus livros em suas estantes de forma vertical; se não possuir tais informações

estratégicas, pode ter seu valor informativo reduzido. A contracapa do livro possui fundo branco, e a primeira frase em letras vermelhas nos diz: “A obra-prima de Jane Austen”. Logo abaixo, em letras pretas, está o nome da tradutora e do apresentador do livro.

O resumo da obra principia com a célebre frase de *Orgulho e Preconceito* que inicia o livro: “*É verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro em posse de boa fortuna deve estar necessitado de esposa*”. Em seguida temos um breve resumo da obra e de quem foi Jane Austen, o texto é encerrado com uma grande frase dita por Harold Bloom: Os livros de Jane Austen passarão para a posteridade juntamente com os clássicos de William Shakespeare e de Charles Dickens.

Logo abaixo, temos uma frase de divulgação que remete ao site da editora LPM, um código de barras e outra propaganda, ambas divulgações estão em letras pretas negritadas e em letras vermelhas, também com fundo vermelho e letras pretas. O livro não possui orelha, conta com 392 páginas e 4 páginas extra ao final do livro, que não contabilizadas, destinadas para anúncios publicitários da editora. Isso que nos confirma o fato de que esta edição pode ter uma ênfase no aspecto comercial, tanto pelo seu tamanho, pelo seu baixo custo no mercado, e também pelas suas diversas partes visíveis destinadas à publicidade.

A apresentação do livro escrita por Ivo Barroso tem como título: Jane Austen, a “Boa Tia de Steventon”. Barroso inicia sua apresentação sobre a vida e obra de Jane Austen, fornecendo o surpreendente dado interessante de que *Pride and Prejudice* sagrou-se como o segundo “Livro mais amado pelos leitores do Reino Unido”. Em seguida, discorre sobre o sucesso da obra de Jane, suas adaptações cinematográficas, e afirma que as obras da “Boa tia de Steventon” chegaram a ser comparadas com a Bíblia e com as obras de William Shakespeare. Barroso afirma que muitas escritoras que surgiram no tempo de Austen escreveram aclamadas obras. Entretanto, nenhuma delas foi tão apreciada como Austen, pois a autora possuía um ingrediente que nas outras era faltante: o humor. Barroso também ressalta que Jane conseguiu anexar com muito talento às cartas em suas obras, e fala que o trecho em que ela transcreve uma carta pode valer por uma longa descrição de fatos ou por uma demorada análise do comportamento do subscritor.

Barroso nos apresenta que o valor das pessoas na época de Austen era determinado por sua renda anual. Então, só era considerado, segundo ele, um

gentleman, ou cavalheiro, todo aquele que se mantém sem recorrer ao trabalho manual. Sobre as personagens femininas de Austen, Ivo Barroso faz a seguinte análise:

Apesar das anquinhas e das anáguas que revestiam todo o corpo das mulheres, os calções amarrados da cintura aos calcanhares; as blusas de punhos cerrados; as luvas; as golas altas; os amplos chapéus; as boinas e bonés, que transformavam a mulher num pacote de gesso ou porcelana, encorajando-a contra qualquer tentativa de carícia, para nem pensar em algo mais, a mulher, a personagem feminina de Jane, é uma explosão de vitalidade, e seus olhos – única possibilidade de comunicação – transmitem todos os sentimentos, todas as emoções, todo o grande frêmito de vida amorosa não realizada, que certamente foi grande drama pessoal da novelista inglesa. (BARROSO, 2010, p. 7-8 *apud* AUSTEN, 2010, p. 7-8)

Prosseguindo em sua apresentação Barroso menciona o fato de Jane Austen nunca ter escrito sobre política, que apesar de Jane ter vivido em um período de grandes turbulências, Austen se traumatizou com a política e com os acontecimentos mundiais. Um evento marcante nesse sentido foi quando sua prima Eliza tornou-se viúva devido ao fato de seu marido, o conde Feuillide, ter morrido na guilhotina em Paris, quando foi defender seu amigo o marquês Marlboeuf, perseguido pela revolução. Tal fato, segundo Barroso pode ter feito com que nossa querida e sensível Austen tivesse com aversão de escrever algo sobre um mundo que ela não conhecia e que lhe causava temor.

Barroso também fala sobre o amor da juventude de Jane, Thomas Lefroy, que após o falecimento da escritora confessou “ter amado a grande Jane Austen, mas que fora um amor de juventude”. Em seguida o autor encerra sua apresentação falando sobre a vida de Jane Austen e suas publicações. Acreditamos que tal “Apresentação” denominada desta forma pela editora LP&M pode equivaler a um prefácio ou a uma introdução das outras editoras.

Por fim, podemos afirmar que as versões de bolso da obra *Orgulho e Preconceito*, descritas acima, possuem diferentes elementos que enriquecem a obra. Todavia, a versão mais completa nas questões paratextuais, de acordo com nossa análise, é a versão da editora LP&M, que possui uma rica introdução.

2.3 TRADUÇÃO DE *ORGULHO E PRECONCEITO* DE ALEXANDRE BARBOSA PELA EDITORA PENGUIN E COMPANHIA DAS LETRAS

O quadro abaixo apresenta informações importantes acerca da tradução de *Orgulho e Preconceito* de Alexandre Barbosa, publicada pela editora Penguin e Companhia das Letras, em uma versão de tamanho normal publicada em 2016.

Quadro 2: Tradução da obra *Orgulho e Preconceito* em tamanho normal

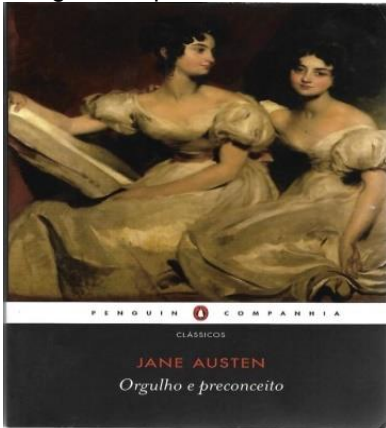
Título Original	Ano do livro utilizado para tradução	Título	Tradutor	Editadora	Ano da Publicação da Edição
Pride and Prejudice	2011	Orgulho e Preconceito	Alexandre Barbosa de Souza	Peinguin Companhia das Letras	2016

Fonte: Elaborado pela autora com base na obra consultada

A versão de *Orgulho de Preconceito* da editora Penguin em associação à Companhia das Letras, Coleção Clássicos, traduzida por Alexandre Barbosa de Souza, com prefácio e notas de Vivien Jones e introdução de Tony Tanner, publicada em 2016, possui 569 páginas, divididas em 3 volumes com XIX capítulos. A capa do livro, elaborada por Raul Loureiro e Claudia Warrak, nos mostra uma imagem clássica de duas mulheres que supostamente seriam as personagens: Elizabeth Bennet e sua irmã Jane Bennet. A imagem é envelhecida e confere um ar de sofisticação pela vestimenta das duas mulheres.

O nome da editora está presente na capa, de forma bem destacada pelo fundo branco retangular, projetado para tal divulgação. O nome da escritora está na parte inferior da capa, em letras em caixa alta, na cor laranja, e o título do livro está escrito com letras cursivas na cor branca. Tanto o nome da escritora quanto o título do livro possuem praticamente o mesmo tamanho, mas o nome da escritora está mais visível. Desta forma acreditamos que possivelmente a editora optou por destacar mais o nome de Austen, pois ela é uma escritora consagrada no polissistema literário brasileiro.

Figura 4: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Alexandre Barbosa, publicado pela editora Penguin em parceria com a editora Companhia das Letras no ano de 2016



Fonte: Acervo Pessoal

A lombada é singela, possui um design simples e clássico, possui o nome do livro e da autora, e da editora. Já a capa de trás do livro, possui um resumo da obra, e a frase mais conhecida de *Orgulho e Preconceito* que está presente em praticamente todas as contracapas das edições lançadas no Brasil: “É uma verdade universalmente reconhecida, que um homem solteiro, de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa.” Mas é inusitado como a personagem principal é descrita no pequeno resumo: “Lizzy é uma espécie de Cinderela esclarecida, iluminista, profeminista”.

A primeira página do livro possui um breve resumo sobre quem foi Jane Austen. O livro não contém orelha, mas prefácio é longo. As notas do livro e prefácio foram escritos por Vivien Jones, que inicia seu texto afirmando que em todos os seus romances Austen oferece um bom casamento para sua heroína, mas que o casamento de Elizabeth Bennet de *Orgulho e Preconceito* foi o mais deslumbrante. Ela cita uma afirmação feita por Jane Austen acerca deste livro: Ele é “leve & brilhante & cintilante demais”, em seguida temos uma breve descrição da obra e Vivien cita outra afirmação de Austen, desta vez sobre a heroína Elizabeth – “uma criatura adorável como jamais outra apareceu em letras impressas”, com um misto de citações de Jane Austen e críticas favoráveis a obra, o prefácio escrito por Vivien Jones tem o potencial de atrair o leitor e faz com que ele se sinta entusiasmado para ler a história. E cumpre a função do prefácio designada por Genette:

Por isso, podemos afirmar que um prefácio informativo como o que está presente nesta versão do livro *Orgulho e Preconceito*, publicada pela editora Penguin em parceria com a editora Companhia das Letras, exerce uma função muito mais sólida do que introduzir a obra. Um prefácio assim informativo prende o leitor à

história, convencendo-o de seu valor, como podemos ver neste trecho extraído do prefácio de *Viven Jones*, segundo Genette: Trata-se aqui não mais exatamente de atrair o leitor, que já fez o grande esforço de obter o livro por compra, empréstimo, ou roubo, mas de retê-lo por um processo tipicamente retórico de persuasão. (GENETTE, 2006, p. 176), tal fator persuasivo, podemos observar no excerto deste prefácio:

Quero insistir nessa ideia de *Orgulho e Preconceito* como um texto “poderosamente persuasivo”, e desenvolver minha sugestão de que é a posição estratégica de Austen diante do enredo romântico convencional e prazeroso, como uma heroína ainda menos convencional, que o faz ser assim. (JONES, 2016, p.13 *apud* AUSTEN, 2016, p.13)

Em meio a tantos elogios e alusões introdutórias à história, o leitor pode criar um pensamento crítico em relação à obra. E por isso quiçá sente a necessidade de ler o texto literário, para compreender a razão de tais personagens serem aclamados e considerados singulares. Por ser extremamente longo, o prefácio pode retirar o efeito surpresa do leitor ao descobrir certas coisas no decorrer da leitura, pois tais questões já foram antecipadas no prefácio, de acordo com Genette: O maior inconveniente do prefácio é o fato de que ele constitui uma instância de comunicação desigual, e mesmo desprovida de rigor, pois nele o autor propõe ao leitor o comentário antecipado de um texto que este ainda não conhece. (GENETTE, 2006, p. 211)

Como o leitor ainda não conhece a obra, ele pode perder o desejo de ler o texto na íntegra se o prefácio adiantar questões como, por exemplo, a conclusão da história. Por isso, um prefácio tão longo pode ser considerado inconveniente, pois mesmo que traga críticas consistentes e informações importantes, pode retirar o desejo do leitor de prosseguir com a leitura se informar todo o desfecho da obra, sem instigar desta forma a descoberta.

2.4 TRADUÇÕES DE ROBERTO LEAL FERREIRA PRESENTES NAS VERSÕES 3 EM 1 DA OBRA *ORGULHO E PRECONCEITO* PUBLICADAS PELA EDITORA MARTIN CLARET E ANÁLISE DE SEUS ELEMENTOS PARATEXTUAIS

Nesta seção serão analisadas duas traduções contidas nas versões 3 em 1 da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, sendo que as duas versões foram publicadas pela editora Martin Claret e possuem o mesmo tradutor Roberto Leal Ferreira. Desta forma, as duas versões não possuem nenhuma diferenciação entre suas traduções, mas o que iremos analisar nesta subseção são os paratextos das duas versões.

O quadro abaixo possui informações importantes acerca das versões 3 em 1 publicadas pela Editora Martin Claret e que possuem a tradução de Roberto Leal Ferreira.

Quadro 3 Traduções em versões 3 em 1 da obra *Orgulho e Preconceito* juntamente com outras obras de Jane Austen publicadas pela editora Martin Claret

Título Original e Versão	Ano do livro utilizado para tradução	Título	Tradutor	Editora	Ano da Publicação da Edição
Sense and Sensibility; Pride and prejudice; Persuasion Versão 3 em 1 Capa Brochura	1811 1813 1818	Razão e Sensibilidade; Orgulho e Preconceito; Persuasão	Roberto Leal Ferreira	Martin Claret	2014
Sense and Sensibility; Pride and prejudice; Persuasion Versão 3 em 1 Capa Dura	1811 1813 1818	Razão e Sensibilidade; Orgulho e Preconceito; Persuasão	Roberto Leal Ferreira	Martin Claret	2015

Fonte: Elaborado pela autora com base nas obras consultadas

2.4.1 Tradução de Roberto Leal Ferreira Presente na Versão 3 em 1 da Editora Martin Claret em Capa Brochura

A tradução 3 em 1 da Editora Martin Claret possui capa brochura e contém o seguinte título: Razão e Sensibilidade; Orgulho e Preconceito; Persuasão. A

tradução é de Roberto Leal Ferreira e este livro é a 2ª Edição lançada no Brasil. Os títulos originais em inglês são: *Sense and Sensibility* (1811), *Pride and prejudice* (1813), *Persuasion* (1818). Publicado em 2014, este livro não possui prefácio nem introdução, somente as três histórias na íntegra sem cortes, a obra *Orgulho e Preconceito* presente nesta versão 3 em 1 possui seus 61 capítulos intactos.

A capa nos traz a imagem de duas moças sentadas uma ao lado da outra, vestindo trajes da época, elas podem ser as irmãs Bennet da obra “*Orgulho e Preconceito*” ou talvez esta imagem tenha como objetivo somente referenciar o período histórico no qual as obras se passam. Os três títulos encontram-se na parte superior da capa, em ordem de publicação. O nome de Jane Austen está escrito sobre um fundo preto em destaque, com o seu brasão centralizado, por isso acreditamos que possivelmente a editora procure ressaltar o nome da autora por suas obras serem um sucesso de vendas. Logo abaixo podemos ver a logo da editora Martin Claret; a lombada é tradicional possui o nome da autora das três obras e o logo da editora.

Figura 5: Capa da versão 3 em 1, capa brochura, que contém o livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Roberto Leal Ferreira publicada pela editora Martin Claret no ano de 2014



Fonte: Acervo Pessoal

A contracapa possui um breve resumo sobre Jane Austen e a sua atuação recepção no polissistema literário brasileiro, com muitos elogios, instigando o leitor a apreciar as três histórias mais conhecidas de Jane Austen. A orelha do livro não nos traz nenhuma informação somente uma imagem de Jane Austen. O livro traz resumos somente em sua contracapa, não temos nenhuma introdução, prefácio, ou quaisquer informações de notas. E na orelha encontramos somente a imagem de Austen, mas podemos considerar tal orelha com uma marca de sofisticação e

inovação, pois não encontramos esta ideia em nenhuma das outras versões das obras de Jane Austen. De acordo com Genette:

Finalmente, a capa pode ter orelhas ou desdobros, restos atrofiados de uma antiga encadernação, que podem hoje abrigar algumas das indicações já listadas, ou sua chamada, e especialmente o release, o manifesto de coleção, as listas de obras do mesmo autor ou da mesma coleção. Aqui também, uma orelha muda, como todo ato de desperdício, é uma marca de prestígio. (GENETTE, 2006, p.30)

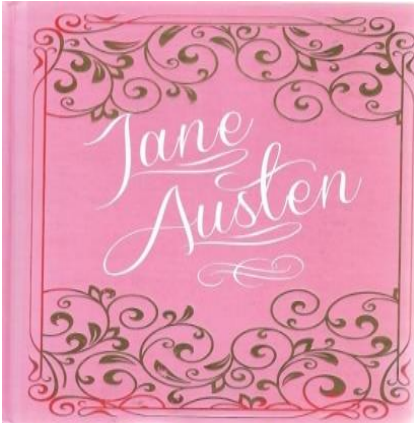
Por fim podemos concluir que tal versão pode ter uma finalidade comercial, por trazer três obras reunidas em um livro só. Além de que sua beleza e inovação são incontestáveis, porém acreditamos que se o livro apresentasse mais paratextos, enriqueceria assim de uma forma mais sólida essa obra de Austen.

2.4.2 Versão 3 em 1 de *Orgulho e Preconceito* publicada pela Editora Martin Claret em Capa Dura

A versão 3 em 1 da Editora Martin Claret em capa dura, contém o seguinte título: Razão e Sensibilidade, Orgulho e Preconceito, Persuasão. Possui tradução de Roberto Leal Ferreira e os seus títulos originais em língua inglesa: Sense and Sensibility (1811), Pride and prejudice (1813), Persuasion (1818); publicado em 2015. Tal versão é muito similar à versão analisada anteriormente, o livro *Orgulho e Preconceito* contido nessa versão possui 61 capítulos sem cortes, porém essa versão é mais luxuosa do que a versão analisada anteriormente, pois ela possui capa dura e belíssimos detalhes.

A capa dessa versão é toda em rosa claro, o nome de Austen é única informação de a capa contém e é adornada por belíssimas flores desenhadas em dourado, o que enriquece ainda mais seu design. A lombada do livro possui somente os três títulos das histórias que essa versão possui, além de tudo isso tal versão possui um marcador de páginas fixado ao livro em fita de cetim.

Figura 6: Capa da versão 3 em 1 capa dura, que contém o livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Roberto Leal Ferreira publicada pela editora Martin Claret no ano de 2015



Fonte: Acervo Pessoal

A contracapa não possui nenhum resumo apenas os títulos da obra como constam na lombada e logo abaixo a logo da editora. A folha de rosto dessa versão é belíssima e também possui o desenho de flores. Contêm um adorno muito valorizado por colecionadores que o espaço Ex Libris no qual o dono pode colocar seu nome, o seu carimbo ou o número de sua coleção que será destinado a esta obra.

Este livro não possui orelha, nem prefácio, nem resumo, mas tem notas de Roberto Leal Ferreira diferente da versão em capa brochura, que não possui notas. A cada divisão de capítulos, encontramos uma imagem ilustrativa da história que será iniciada. Tal versão é extremamente comercial e bela, mas poderia conter mais paratextos para que desta forma o leitor fosse instigado de uma forma mais sólida à leitura.

Das duas versões 3 em 1 que contém a obra *Orgulho e Preconceito* podemos afirmar que a versão mais completa seria a versão em capa brochura, pois possui mais elementos paratextuais. A versão em capa dura pode ser considerada muito bem elaborada, mas atrai mais colecionadores, pois para os leitores que nunca entraram em contato com a obra, essa versão não possui muitos complementos paratextuais.

Ao final desta análise concluímos que todas as edições das traduções possuem paratextos com alto valor informativo em relação à obra, à autora e à recepção do texto no polissistema de literatura traduzida no Brasil. E pelo fato de em todas as capas, encontramos o nome da autora e da obra em destaque, podemos afirmar que Jane Austen é reconhecida literariamente no polissistema literário brasileiro como uma grande escritora.

2.5 ANÁLISE DAS TRADUÇÕES PRESENTES NAS ADAPTAÇÕES DA OBRA *ORGULHO E PRECONCEITO*

Nesta seção temos como objetivo analisar os paratextos das adaptações da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen sendo elas a adaptação *Orgulho e Preconceito e Zumbis*; *A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito* que é uma tradução para crianças da obra, e por fim uma versão em quadrinhos da história com uma tradução destinada ao público jovem. O quadro abaixo possui informações importantes acerca das adaptações que serão analisadas nesta subseção.

Quadro 4: Adaptações da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen traduzidas para o português brasileiro

Título Original	Ano do livro utilizado para tradução	Título	Tradutor	Editora	Ano da Publicação da Edição
Pride and Prejudice and Zombies	1955	Orgulho e Preconceito e Zumbis	Luiz Antônio Aguiar	Intrínseca	2010
Little miss Austen: pride & prejudice	1974	A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito.	Janaína Senna	Nova Fronteira	2012
Pride and Prejudice	2008	Orgulho e Preconceito	Fernando Variani	Nemo	2016

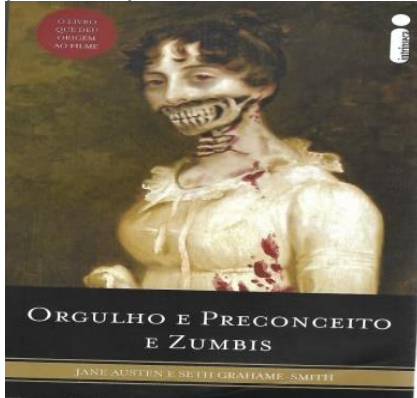
Fonte: Elaborado pela autora com base nas obras consultadas

2.5.1 Versão de *Orgulho e Preconceito e Zumbis* publicada pela Editora Intrínseca

O livro *Orgulho e Preconceito e Zumbis* é uma adaptação da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. Publicado pela editora Intrínseca tendo como título original: *Pride and Prejudice and Zombies*, Jane Austen e Seth Grahame-Smith; publicado originalmente em 1955, tradução de Luiz Antônio Aguiar, publicado no Brasil no ano 2010 no Rio de Janeiro.

A capa possui a imagem de uma mulher da era aristocrática em forma de zumbi, logo acima temos um círculo vermelho no qual está escrito: O livro que deu origem ao filme. Logo abaixo temos o título do livro e do autor e a logo da editora.

Figura 7: Capa da adaptação *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, tradução de Luiz Antônio Aguiar, publicada pela editora Intrínseca no ano de 2010



Fonte: Acervo Pessoal

A lombada possui o nome do livro, o nome do adaptador e a logo da editora. Na contracapa encontramos a célebre frase de *Orgulho e Preconceito*, mas desta vez adaptada “É uma verdade universalmente aceita que um zumbi, uma vez de posse de um cérebro, necessita de mais cérebros.” Logo abaixo temos diversas citações feitas sobre o livro elogiando a obra.

A orelha da capa nos traz um breve resumo do livro, já a da contracapa nos traz um resumo sobre Jane Austen e sobre o adaptador. O livro não possui prefácio, nem introdução. Mas é uma adaptação extremamente diferente, pois nela Elizabeth Bennet é uma caçadora de Zumbis assim como o Sr. Darcy, mas a diferença social ainda permanece entre eles, pois Darcy foi treinado no Japão com os caçadores mais ricos e Elizabeth e sua família treinaram na China com os caçadores mais pobres. Como na obra original os dois se conhecem em um baile e se estranham no começo, mas depois se apaixonam, a questão é que na adaptação temos um elemento surpresa que são os zumbis. O livro não possui muitos paratextos, pois não tem prefácio, nem introdução, e o seu único resumo está na orelha da capa e é muito breve.

2.5.2 Versão *A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito*

A versão infantil que vamos analisar se chama *A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito* é uma versão adaptada da obra de Austen e tem como

público alvo crianças foi publicada pela Editora Nova Fronteira no Brasil no ano de 2012 no Rio de Janeiro, o texto é de Jennifer Adams as ilustrações são de Alison Oliver e a tradução é de Janaína Senna. Essa obra é uma tradução de: *Little miss Austen: pride & prejudice*, publicado originalmente em 1974. O livro não possui prefácio, nem notas ou orelha, mas apresenta de uma forma lúdica a história de *Orgulho e Preconceito* enfatizando os principais pontos, como a questão das 10 mil libras por ano que o Sr. Darcy ganhava, a questão dos pedidos de casamento, das irmãs, dos soldados entre outros temas que são muito bem ilustrados no livro.

A capa possui a imagem de uma menina em desenho, que provavelmente é alusiva a Elizabeth Bennet pois está usando uma camiseta que diz: Eu amo Darcy! A capa é delicada, possui o título do livro em um fundo rosa claro com uma margem mais escura, o nome do ilustrador, a logo da editora e o nome de quem adaptou o texto.

Figura 8: Capa da adaptação *A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito*, tradução de Janaína Senna publicada pela editora Nova Fronteira no ano de 2012



Fonte: Acervo Pessoal

O livro não possui lombada, pois é extremamente curto, possui apenas 12 páginas, a contracapa é simples, contém um resumo da obra e fala sobre o seu público alvo que são as crianças.

2.5.3 Versão em Quadrinhos de *Orgulho e Preconceito*

A versão em quadrinhos de *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen foi publicada pela Editora Nemo no ano de 2016 em São Paulo. O texto foi adaptado por Ian Edginton, ilustrado por Robert Deas, traduzido por Fernando Variani e Gregório Bert, tendo título original: *Pride and Prejudice*. A presente versão tem como público alvo jovens e adolescentes, a obra é ilustrada de uma maneira muito bem

elaborada, e o texto é muito instigante e similar ao livro original. A capa possui o título do livro e o nome da escritora, logo abaixo encontramos o nome do ilustrador e de quem adaptou o livro para a versão de quadrinhos, foi publicado no ano de 2016. E bem abaixo em letras bem pequenas encontramos o nome dos tradutores, e de forma lateral a logo da editora, na capa temos a imagem de Elizabeth Bennet e do Sr. Darcy de costas um para o outro.

Figura 9: Capa da adaptação em quadrinhos de *Orgulho e Preconceito*, tradução de Fernando Variani publicada pela editora Nemo no ano de 2016



Fonte: Acervo Pessoal

A lombada possui o nome da editora, o título do livro e da escritora, e também o nome do ilustrador e o adaptador. Na contracapa temos uma ilustração de Elizabeth e do Sr Darcy caminhando no campo, e a frase mais célebre de *Orgulho e Preconceito* destacada no início do texto em letras vermelhas: “É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro de posse de boa fortuna, deve estar atrás de uma esposa”. Em seguida temos um breve resumo da obra.

Essa adaptação pode ser considerada rica e o seu texto é muito similar ao texto original sem a exclusão de dados importantes. Outro fator relevante é que as tais famosas cartas descritas ao longo de *Orgulho e Preconceito* estão presentes nessa versão, e como já falamos anteriormente, elas muitas vezes substituem uma longa descrição de fatos. O livro possui orelha, na qual encontramos um breve resumo sobre a vida de Austen e sobre o ilustrador e adaptador do livro.

Esse livro pode ser considerado repleto de elementos paratextuais, entretanto eles são abordados de uma forma diferente. Antes de iniciar a história temos uma introdução dos personagens, todos eles ilustrados dentro de um brasão da família. Essa adaptação da obra de Jane Austen mostra como ela é considerada importante no Brasil e também como ela foi bem recebida no polissistema literário brasileiro, devido ao fato de que sua obra foi adaptada até para os jovens e adolescentes.

Podemos concluir que a adaptação de *Orgulho e Preconceito* mais rica na questão paratextual, seria a versão em quadrinhos que possui diversos paratextos para que o leitor possa compreender a obra de uma forma melhor. A versão infantil é belíssima e cumpre seu papel de ser atrativa para o público infantil, pois é breve e objetiva. Já a adaptação *Orgulho e Preconceito e Zumbis* deixa a desejar na questão paratextual, pois possui pouquíssimos paratextos, e os que têm não são bem construídos, acreditamos que as informações poderiam ser melhor elaboradas.

A recepção das obras de Jane Austen no polissistema literário brasileiro pode ser considerada muito positiva. Existem na internet inúmeros blogs escritos por brasileiros dedicados a ela, e também há um grande número de reedições e versões lançadas de suas obras pelas editoras brasileiras, podemos considerar que o número de tais vendas deve ser considerável para desencadear tantas reedições. E pelas diversas adaptações podemos considerar que o desejo de alcançar diversos públicos com os clássicos de Austen deve ser pela sua boa recepção em nosso polissistema literário.

De acordo com a teoria dos Polossistemas Literários de Itamar Even-Zohar(1990), os leitores são uma entidade para a qual a literatura é produzida, ele adota então o termo “consumidor” afirmando que existem consumidores literários diretos e indiretos, sendo segundo ele todos os membros de qualquer comunidade são pelo menos consumidores indiretos de literatura, porque de acordo com ele esses consumidores indiretos consomem fragmentos literários transmitidos por diversos agentes culturais que fazem alusões as obras no discurso diário. Já os consumidores diretos segundo ele, são aquelas pessoas que se interessam por literatura e participam de forma ativa do sistema literário.

E são esses leitores diretos e indiretos que fazem com que uma obra continue sendo lida, mesmo com o passar do tempo. Os polissistemas operam segundo Even-Zohar de forma sincrônica e diacrônica (EVEN-ZOHAR, 1990, p.12) e é por isso, que Jane Austen foi conhecida em séculos passados e permanece alcançando milhares de fãs, mesmo com o passar dos anos, e isso só é possível, porque suas obras permanecem sendo traduzidas para diferentes idiomas, contribuindo assim para a formação de novos sistemas literários. Quando falamos sobre Jane Austen no Brasil é difícil encontramos pessoas que não conheçam tal nome ou que nunca tenham ouvido falar sobre ela, pois existem muitas pessoas inseridas no sistema literário que consideram os escritos de Jane Austen um

clássico e assim propagam suas obras por meio de fragmentos de seu discurso e fomentam a criação de novas traduções e reedições.

3 ANÁLISE DE DUAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS

Esse capítulo tem o objetivo de verificar a preservação dos elementos culturais ingleses constantes no texto fonte após os processos tradutórios utilizados nas obras elencadas. Por meio da microanálise de duas traduções brasileiras da obra *Orgulho e Preconceito*, bem como a macroanálise dos paratextos dos livros aqui analisados, procuramos, entre outros aspectos, compreender qual é o público alvo de ambas as traduções.

Para a análise paratextual utilizaremos a teoria de Genette (2006) e três versões da obra *Orgulho e Preconceito*, sendo elas a tradução de Marcella Furtado publicada pela editora Landmark no ano de 2015, a tradução de Roberto Leal Ferreira, publicada pela editora Martin Claret no ano de 2012, e a versão em língua inglesa de Thomas Egerton Military Library. Curiosamente Jane Austen vendera os direitos autorais de sua obra publicada no ano de 1813, em Londres para essa editora, e o texto publicado por essa empresa está presente na Edição Bilingue do livro *Orgulho e Preconceito*, da Editora Landmark no contexto brasileiro.

Dessa forma, indagamos: As traduções de Roberto Leal Ferreira e de Marcella Furtado preservam traços culturais marcantes da Inglaterra do século XIX? Os procedimentos técnicos de tradução utilizados pelos dois tradutores fazem do texto alvo um texto domesticado, segundo a teoria de Venuti (2002), isto é, um texto que se aproxima da cultura brasileira? Assim, procuramos levantar evidências de um projeto tradutório no aspecto do micronível textual que aponte tendências à estrangeirização ou à domesticação.

A metodologia de trabalho neste capítulo é norteada pela teoria dos Estudos Descritivos da Tradução, de Gideon Toury (2012), com enfoque na cultura do texto de chegada, por meio da qual analisaremos os aspectos do micronível do texto fonte e do texto alvo, no que tange aos procedimentos tradutórios. Seguindo também a baliza do esquema tradutório proposto pelos teóricos José Lambert e Hedrik Van Gorp (2006, ANEXO).

Iniciando a macroanálise da tradução, podemos comparar as duas capas dos dois livros e os seus paratextos. De acordo com a teoria de Gerard Genette (2006, p.9), os paratextos que acompanham um livro são de suma importância para compreender quais são os possíveis públicos alvo das duas editoras. O quadro

abaixo possui informações importantes referentes as duas traduções brasileiras que serão aqui analisadas.

Quadro 5: Traduções da obra *Orgulho e Preconceito* para o português brasileiro

Título Original e Versão	Ano do livro utilizado para tradução	Título	Tradutor	Editora	Ano da Publicação da Edição
Pride and Prejudice	1813	Orgulho e Preconceito	Roberto Leal Ferreira	Martin Claret	2012
Pride and Prejudice	1813	Orgulho e Preconceito – Versão Bilingue	Marcella Furtado	Landmark	2015

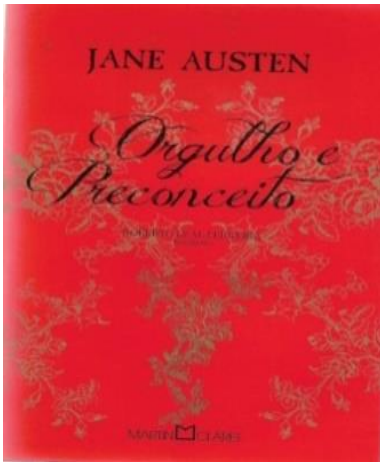
Fonte: Elaborado pela autora com base na obra consultada

3.1 TRADUÇÃO DE *ORGULHO E PRECONCEITO* POR ROBERTO LEAL FERREIRA PUBLICADA PELA EDITORA MARTIN CLARET

A tradução de *Orgulho e Preconceito* da editora Martin Claret possui tradução de Roberto Leal Ferreira, revisão de Claudia Lins, foi publicada em 2012 em São Paulo e seu design de capa e miolo foi realizado por Manu Santos Design. A capa é extremamente romântica, elaborada em um tom de rosa forte, com imagens de flores delicadas somente contornadas ao fundo. O nome da autora aparece em letras grandes; já o título da obra aparece em letras cursivas. Logo abaixo podemos encontrar o nome do tradutor e a logo da editora.

Em cada divisão de capítulo o que podemos denominar como miolo, encontramos a mesma arte floral da capa em cada divisão de capítulo, que nesse caso são 61. O livro possui 479 páginas, e uma informação interessante é que na folha de rosto da obra encontramos a informação de que o texto é integral. A lombada possui o nome da obra, da autora e da editora.

Figura 10: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Roberto Leal Ferreira, publicado pela editora Martin Claret no ano de 2012



Fonte: Acervo Pessoal

A contracapa do livro possui seu resumo escrito em um retângulo com fundo dourado, o que confere aparência luxuosa ao livro, a aparência luxuosa da capa nos mostra quão bem Jane Austen foi recebida e desta forma consolidada no polissistema literário brasileiro. Logo abaixo do nome da autora e do nome da obra, encontramos a frase mais conhecida da obra *Orgulho e Preconceito* que fala que um homem que possui uma grande fortuna deve estar à procura de uma esposa, sucessivamente há um resumo da história e elogios a obra, o resumo é praticamente igual ao da versão de bolso publicado pela mesma editora.

3.2 TRADUÇÃO EM VERSÃO BILÍNGUE DE *ORGULHO E PRECONCEITO* POR MARCELLA FURTADO PUBLICADA PELA EDITORA LANDMARK

A edição bilíngue de *Orgulho e Preconceito*, publicada pela Editora Landmark no ano de 2015, possui tradução e notas de Marcela Furtado. O prefácio foi escrito pelos editores Fabio Pedro Cyrino e Francisco de Freitas e tal edição é considerada pela editora uma edição de luxo que nos mostra como Austen é valorizada no polissistema literário brasileiro. A capa possui a imagem do filme produzido pela Universal Studios, o que evidencia a nova tendência do século XXI de tentar promover uma obra literária por meio do cinema.

A adaptação cinematográfica de *Orgulho e Preconceito* foi lançada em fevereiro de 2006, tendo direção de Joe Wright, roteiro de Emma Thompson e Deborah Moggach e figurino de Jacqueline Duran. A atriz Keira Knightley interpretou Elizabeth Bennet e o ator Matthew Macfadyen interpretou o Sr Darcy; o filme foi um

sucesso de bilheteria e aparece na capa do livro da editora Landmark dentro de uma moldura dourada. O título do livro e nome da autora e da editora aparecem logo abaixo; o sobrenome Austen está em letras maiores do que todas as outras informações, por isso podemos perceber que provavelmente a editora queira destacar o nome da autora, fato que nos faz lembrar de sua importância para a literatura. A lombada possui o título da obra, o nome da autora e logo da editora.

Figura 11: Capa do livro *Orgulho e Preconceito*, tradução de Marcella Furtado, versão bilíngue publicada pela editora Landmark no ano de 2015



Fonte: Acervo Pessoal

Já a contracapa do livro possui um fundo marrom, mas não possui nenhum resumo da obra ou da vida da escritora, somente a frase inicial do livro. O mais interessante desta versão é que os capítulos em língua portuguesa são logo precedidos pelos capítulos em língua inglesa, o que facilita na compreensão da tradução. A folha de rosto desta edição é extremamente luxuosa, o que nos mostra como Jane Austen é uma escritora consolidada no polissistema literário brasileiro.

A versão em língua inglesa contida no livro é o primeiro texto da obra *Orgulho e Preconceito*, o que nos mostra que possui uma ligação clara com a cultura fonte. Por esta ser uma tradução bilíngue, demonstra, a ênfase na língua e cultura do texto de partida, oferecendo desta forma ao leitor brasileiro, uma visão deste contexto. No prefácio encontramos uma maravilhosa crítica da frase mais celebre de *Orgulho e Preconceito*, que consta na contracapa desta edição:

O principal tema do livro é contemplado logo na frase inicial, quando sua autora menciona que um “homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa”. Com essa citação, Jane Austen faz três referências importantes: a autora declara que o foco da trama será os relacionamentos e os casamentos, dá um tom de humor à obra, ao falar de maneira inteligente acerca de um tema comum, e prepara o leitor para um “caçada” de homens em busca da esposa ideal e de

mulheres perseguindo pretendentes. (CYRINO, FREITAS, 2015, p.7 *apud* AUSTEN, 2015, p.7)

Podemos considerar tal prefácio extremamente introdutório, pois além de fomentar a leitura ele possui críticas inovadoras à obra. E cumpre a função do prefácio segundo Genette “O prefácio autoral assuntivo original, que abreviaremos, portanto, para prefácio original, tem por função principal garantir ao texto uma boa leitura.” (GENETTE, 2006, p.176), por isso pode ser considerado um bom prefácio, pois faz uma relevante introdução a obra. A edição da editora Landmark da obra *Orgulho e Preconceito* é extremamente inovadora, e possui diversas informações importantes em seus paratextos.

Comparando as duas capas, percebemos que a capa da editora Landmark possui uma imagem de uma adaptação, diferentemente da capa da editora Martin Claret, que possui somente desenhos florais românticos. A capa da editora Landmark destaca mais o nome da autora, e a capa da editora Martin Claret destaca mais o nome da obra. O nome da editora consta nas duas capas, mas somente na capa da editora Martin Claret encontramos o nome do tradutor. Por isso, podemos concluir que a capa da editora Landmark tem o potencial de atrair pessoas que já assistiram ao filme, enquanto a capa da editora Martin Claret provavelmente busque atrair pessoas que já possuam um conhecimento prévio da obra.

Analisando os paratextos dos dois livros podemos perceber que a versão de *Orgulho e Preconceito* da Editora Landmark e a versão da Editora Martin Claret se igualam no que se refere aos paratextos, pois, a versão da editora Landmark possui prefácio e notas. A versão da editora Martin Claret possui apenas orelha, com maior limite de informações. Entretanto, todos os paratextos de ambas as versões são significativos para o conjunto das obras em questão e possuem seus próprios benefícios.

A análise das diferentes culturas, brasileira e inglesa, pode ter representado para Roberto Leal Ferreira e Marcella Furtado fonte de elementos para seu processo de tradução. Visto que abordam duas culturas muito diferentes, e por se tratar de um livro clássico, escrito em um período aristocrático, existem muitos termos e costumes desconhecidos para os leitores brasileiros. Inferimos que as duas traduções possivelmente levaram em consideração o contexto em que a obra foi escrita e também o contexto para qual a obra foi traduzida, pois, como afirma Robinson

“Talvez seja seguro dizer que nunca houve uma época em que a comunidade de tradutores ignorasse as diferenças culturais e sua importância para a tradução” (ROBINSON, 2002, p.299).

As diferenças culturais devem sempre ser levadas em consideração pelo tradutor, tanto o contexto de chegada quando o contexto de partida. Gideon Toury (2012, p.20) afirma em seus Estudos Descritivos da Tradução que no ato tradutório três fatores devem ser levados em consideração de maneira unificada, sendo eles a função que uma obra desempenha no sistema de produção e no sistema de chegada, o processo de elaboração de tal tradução e a tradução em si - o resultado do processo tradutório.

Na versão bilíngue da editora Landmark de *Orgulho e Preconceito* temos a oportunidade de entrar em contato com os dois textos, o originário, em língua inglesa, e a tradução de Marcella Furtado em Língua Portuguesa. Tomando como primeiro exemplo a frase mais célebre de *Orgulho e Preconceito* que inicia o primeiro capítulo da obra e que está presente em praticamente todas as contracapas das edições lançadas no Brasil, iniciaremos nossa análise. A frase de Jane Austen assim diz:

It is a truth universally acknowledged, that a single man in possession of a good fortune, must be in want of a wife. (AUSTEN, 2015, p. 10)

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa. (AUSTEN, 2015, p.11, tradução de Marcella Furtado)

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa. (AUSTEN, 2012, p.9, tradução de Roberto Leal Ferreira)

Observando as escolhas dos tradutores nos excertos acima citados, podemos perceber que a tradução de Marcella Furtado parece mais estrangeirizante, ou ligada ao texto original. Por outro lado, a tradução de Roberto Leal Ferreira apresenta-se mais resumida e objetiva, talvez indicando uma preocupação do tradutor com a domesticação do texto. Marcella Furtado mantém o seu texto mais próximo ao original quando traduz – “possession of a good fortune” para “possuidor de uma grande fortuna”, e já Roberto Leal Ferreira opta pela construção de que tal homem é “muito rico”. E quando aborda a questão da esposa, Furtado (2015) mantém a sua tradução mais próxima do texto originário traduzindo: – “must be in want a wife” para

“deve estar em busca de uma esposa”; trecho ao qual Ferreira (2012) continua optando pela objetividade quando traduz que esse homem “precisa de uma esposa”.

Ao observamos as duas obras em questão percebemos que a tradução de Marcella Furtado é mais estrangeirizante e a versão de Roberto Leal Ferreira é mais domesticada. A teoria da domesticação e estrangeirização e que também tratava sobre os diferentes métodos de tradução, cunhada por Friedrich Schleiermacher (1813) foi adaptada por Venuti (2002) para os estudos culturais, revelando que “Um projeto tradutório pode se distanciar das normas domésticas a fim de evidenciar a estrangeiridade do texto estrangeiro e criar um público-leitor mais aberto a diferenças linguísticas e culturais.” (VENUTI, 2002, p. 166) e é isso que a tradução de Furtado (2015) evidencia, pois é uma tradução estrangeirizante.

Podemos perceber mais traços desta tradução estrangeirizante de Furtado (2015) quando olhamos para trechos da obra, por exemplo, quando o Sr. Darcy se declara para Elizabeth Bennet ele a toma de surpresa, pois ela não esperava que isso acontecesse. Darcy se declara, dizendo que está cansado de lutar e que não quer mais reprimir seus sentimentos, e que a ama ardentemente e a admira. É muito interessante como Furtado (2015) e Ferreira (2012) traduziram tais sentenças, conquanto ambos optaram por escolhas diferentes de vocábulos para exprimir os sentimentos do Sr. Darcy. Vejamos:

In vain I have struggled. It will not do. My feelings will not be repressed. You must allow me to tell you how ardently I admire and love you. (AUSTEN, 2015, p.220)

Tenho lutado em vão. Não resistirei. Meus sentimentos não serão reprimidos. Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente eu amo e admiro você. (AUSTEN, 2015, p.221)

Tentei lutar, mas em vão. Não consigo mais. Não posso reprimir meus sentimentos. Você tem de me permitir dizer com quanto ardor eu admiro e amo você. (AUSTEN, 2012, p. 248)

Furtado (2015) traduz “My feelings will not be repressed” para “Meus sentimentos não serão reprimidos”, mas Ferreira (2012) traduz “Não posso reprimir meus sentimentos”. Podemos observar que Ferreira inverte a tradução dessa frase e opta por uma tradução diferenciada de alguns vocábulos - possivelmente pensando na compreensão do público alvo, pois como já falamos anteriormente a tradução de Ferreira parece mais domesticada e o texto de Furtado parece mais estrangeirizante, na frase “You must allow me to tell you how ardently I admire and love you” Furtado (2015) traduz “Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente eu amo e

admiro você”, tal tradução permanece mais similar ao texto original, mas Ferreira (2012) traduz tal sentença da seguinte forma: “Você tem de me permitir dizer com quanto ardor eu admiro e amo você”.

Ferreira (2012) parece traduzir o texto na direção de uma domesticação, para que o leitor da denominada por “cultura de chegada” possa compreendê-lo de uma forma melhor. Isso está de acordo com a visão de Lambert (2011) sobre a tradução englobar as questões culturais para o público ao qual será destinada a tradução, observando quais são os moldes morais das pessoas que lerão essa obra, bem como as concepções políticas, literárias e linguísticas de tal sociedade. Portanto, a tradução se torna assunto de estudo, em suas palavras:

A tradução se torna assunto de estudo; procura-se saber quem produz traduções, para que público, com o auxílio de que textos, em que gêneros, em que línguas e linguagem, segundo que registros e esquemas literários, em função de que modos literários, morais, linguísticos, políticos; e ademais, em função de que concepção de tradução. (LAMBERT, 2011, p.15-16).

Entretanto, além de a tradução ter se tornado um assunto de estudo, sabemos que por trás dos atos tradutórios existem relações de patronagem, ou mecenato, subjacentes às opções por traduções comerciais e traduções sem o objetivo único de vendagem, como aquelas de natureza cultural. O teórico André Lefevere (2007) apresentou o termo de patronagem, muito utilizado nos Estudos da Tradução, afirmando que existem relações de poder nos meios literários no que tange à tradução.

Consoante ao autor, aqueles que são donos de editoras, jornais, revistas ou até mesmo agentes que controlam a mídia, podem ser considerados os detentores do poder de coibir ou estimular a tradução. São aqueles que possuem o poder de exercer patronagem que controlam quais serão as formas de tradução fornecidas ao povo. Segundo o teórico, os detentores do poder de patronagem encontram-se no exterior do sistema literário, em suas palavras a patronagem é: “algo próximo dos poderes (pessoas, instituições) que podem fomentar ou impedir a leitura, escritura e reescritura de literatura” (LEFEVERE, 2007, p.34).

Por isso, quando falamos que a tradução de Ferreira (2012) parece mais domesticada e a escrita de Furtado (2015) parece mais estrangeirizante. Sabemos que as duas traduções possuem um foco diferente, e tendo como base a

macroanálise dos livros feita anteriormente, aventamos que possivelmente essas traduções possuem públicos alvo diferentes no mercado.

Muitas vezes, mesmo que a tradução influencie fortemente nas vendas dos livros, o trabalho do tradutor nem sempre é valorizado, de acordo com Venuti: “Entretanto, os tradutores não podem senão se opor a esta invisibilidade, não apenas porque ela constitui uma mistificação de todo o projeto da tradução, mas também porque ela parece estar relacionada ao baixo status ainda atribuído ao seu trabalho”. (VENUTI, 1995, p. 111-112).

Tratando das obras aqui analisadas, podemos perceber que na capa da Editora Martin Claret encontramos uma frase logo abaixo do título do livro informando que essa versão foi traduzida por Roberto Leal Ferreira, mas quando olhamos para a capa da versão da editora Landmark não encontramos nenhuma menção ao nome da tradutora, pois somente na folha de rosto do livro encontramos o nome de Marcella Furtado.

Por isso, podemos interpretar que possivelmente a editora Martin Claret valorize mais o trabalho do tradutor e considere que colocando o nome do tradutor na capa possa obter algum tipo benefício. Entretanto, a editora Landmark parece não considerar importante mencionar o nome do tradutor na capa, desvalorizando possivelmente, um trabalho que precisa ser mais valorizado.

Tendo com base as duas traduções, podemos afirmar que possivelmente a tradução de Furtado (2015), tenha como público alvo leitores que apreciem uma tradução que se aproxime mais do texto fonte, uma tradução mais “estrangeirizante”. E a tradução de Ferreira (2012) visa atrair leitores que prefiram uma tradução mais “domesticada”, todavia não podemos afirmar que uma tradução é melhor do que a outra, pois ambos tradutores possuem visões de mundo diferenciadas e as editoras possuem públicos alvo distintos, cada tradução possui seus benefícios e escolhas diferentes de vocábulos, o que as torna únicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a presente pesquisa buscou contribuir com os estudos da tradução e com o conhecimento literário através de uma análise da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen. Abordando temas como a sociedade patriarcal da época (século XIX), na qual as mulheres tinham os seus direitos negligenciados e tinham de viver muitas vezes em funções dos homens. Através da personagem Elizabeth Bennet, pode-se perceber como era difícil ser uma mulher sem fortuna na Inglaterra Vitoriana, quando a fortuna sempre seria destinada ao parente homem mais próximo, e as mulheres tinham muitas vezes que buscar contrair matrimônio para que pudessem garantir seu sustento. Além disso, ficou evidente o fato de como o contexto aristocrático rural em que Austen viveu interferiu em suas obras de forma direta, pois este é o mundo que ela relata em seus livros.

Nesta pesquisa também foi realizada a análise dos paratextos das traduções brasileiras de *Orgulho e Preconceito*, a análise foi fundamentada pela teoria de Gerard Genette (2006), que contribuiu imensamente com nossa pesquisa, pois nos paratextos das edições lançadas no Brasil encontramos informações diversas sobre a vida de Jane Austen e análises interessantes acerca da obra em questão. Com todas as adaptações, reedições e versões diferenciadas lançadas no Brasil de *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, percebemos como a autora se encontra consolidada e valorizada no polissistema literário brasileiro.

E tendo como base a análise das traduções brasileiras de Roberto Leal Ferreira (2012), e Marcella Furtado (2015), que também está presente nesta pesquisa, constatamos que tais traduções possuem públicos alvos diferenciados. Sendo que a de Ferreira (2012) pode ser considerada mais “domesticada” e a de Furtado (2015) pode ser considerada mais “estrangeirizante”, tendo como base a teoria de Venuti (2002). Todavia, as duas traduções possuem seus próprios benefícios e devem ser valorizadas, porque contribuem para a formação da consolidação da autora no polissistema literário brasileiro, pois é através das traduções que Jane Austen tornou-se conhecida e aclamada no Brasil.

A pesquisa realizada foi totalmente descritiva, sendo que por meio da análise dos dados acreditamos que obtivemos um resultado final que respondeu de forma

satisfatória ao nosso tema. Os dados foram analisados de forma qualitativa, sendo que sua organização foi realizada de forma diacrônica (analisando os estudos feitos até os dias de hoje) e o resultado dos dados se deu de forma sincrônica (pois buscamos a resposta para um determinado tempo histórico, através da literatura).

Existem muitos pontos que poderão ser abordados em pesquisas futuras relacionadas a este tema. Temas como: As adaptações das obras de Jane Austen poderão ser analisadas de forma mais aprofundada, pois são extremamente ricas na forma em que foram traduzidas e adaptadas. Além disso, existem muitas traduções de *Orgulho e Preconceito* para o português que ainda não foram analisadas excessivamente e que resultariam em uma excelente pesquisa. E também, existem outras edições de *Orgulho e Preconceito* traduzidas para o português brasileiro, que ainda não tiveram seus paratextos analisados. Por isso, podemos concluir que a presente pesquisa cumpriu com o seu objetivo de analisar a literatura, a sociedade patriarcal e as traduções brasileiras da obra *Orgulho e Preconceito*, e poderá ser aprofundada futuramente.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: MARTIN CLARET, 2012.

_____. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: MARTIN CLARET, 2013.

_____. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: MARTIN CLARET, 2014.

_____. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: MARTIN CLARET, 2015.

ADAMS, Jennifer. **A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito**. Tradução de Janaína Senna. Rio de Janeiro: NOVA FRONTEIRA, 2012.

BARROSO, Ivo. Prefácio. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Rio de Janeiro: LP&M, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**, Rio de Janeiro, 2003.

BROWN, Julia Prewitt. **A Reader's Guide to the Nineteenth Century English Novel**, New York: EDITORA MACMILLAN, 1985.

CYRINO, Fabio Pedro. FREITAS, Francisco. Prefácio. In: AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. SP: Landmark, 2015,

EDGINTON, Ian. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Fernando Variani e Gregório Bert. São Paulo: NEMO, 2016.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Studies. **Poetics Today**: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication. v. 11, n. 1, 1990.

GREGOR, Ian. **Reading the Victorian Novel: Detail into Form**, New York: EDITORA BARNES & NOBLE, 1980.

GENETTE, Gerard. **Paratextos Editoriais**, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Extratos traduzidos por Luciene Guimarães e Maria Antonia Ramos Coutinho**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/publicacoes/download/palimpsestosmono-site.pdf>> Acesso em: 05. Jun. 2016.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. **On describing translations**. In: LAMBERT, José. *Functional approaches to culture and translation: selected papers by José Lambert*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2006.

LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

ROBINSON, Douglas. **Construindo o tradutor**. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2002. Cap. 10, 299-329.

ROMEU, Julia. In AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Trad. Joana Faro. RJ: Editora BestBolso, 2016.

SMITH, Seth Grahame. **Orgulho e Preconceito e Zumbis**. Tradução de Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro: INTRÍNSECA, 2010.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Revised Edition. Philadelphia: John Benjamin Publishings, 2012.

VASCONCELOS, Sandra Gardini. **A Formação do Romance Inglês - Ensaios Teóricos**, FAPESP, São Paulo, 2007.

VENUTI, Lawrence. **A invisibilidade do tradutor**. Trad. Carolina Alfaro, 1995, Tradução de The Translator's Invisibility. Criticism, Wayne State UP.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

JONES, Vivien. Prefácio. In: Austen, Jane. **Orgulho e Preconceito**. SP: Editora Penguin & Companhia das Letras, 2016.

WATT, Ian M. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia, 1990.

WOOLF, Virginia. **Um Teto Todo Seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.

Esquema sintetizado para a descrição de tradução

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. On describing translations. In:

LAMBERT, José. *Functional approaches to culture and translation: selected papers by José Lambert*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2006. p. 46-47.

GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter (orgs.). *Literatura e Tradução: textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 211-212.

1.Dados preliminares

Título e página-título (por exemplo, a presença ou ausência da indicação de gênero, nome do autor, nome do tradutor)

Metatextos (na página título; no prefácio; nas notas de rodapé – no texto ou separado?)

Estratégia geral (tradução parcial ou completa?)

Estes dados preliminares deveriam levar a hipóteses para análise posterior tanto no nível macroestrutural como no nível microestrutural.

2.Macronível:

Divisão do texto (em capítulos, atos, cenas, estrofes)

Título dos capítulos, apresentação dos atos ou cenas

Relação entre os tipos de narrativa, diálogos, descrição; entre diálogo e monólogo, voz solo e coro.

Estrutura narrativa interna (enredo episódico? Final aberto?); intriga dramática (prólogo, exposição, clímax, conclusão, epílogo); estrutura poética (por exemplo, contraste entre quartetos e tercetos em um soneto)

Comentário autoral, instruções de palco

Esses dados macroestruturais devem levar a hipóteses sobre as estratégias microestruturais.

3.Micronível (isto é, mudanças nos níveis fônicos, gráficos, micro sintáticos, léxico-semânticos, estilísticos, elocucionários e modais):

Seleção de palavras

Padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias formais (metro, rima)

Formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta livre)

Narrativa, perspectiva e ponto de vista

Modalidade (passiva ou ativa, expressão de incerteza, ambiguidade Níveis de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão)

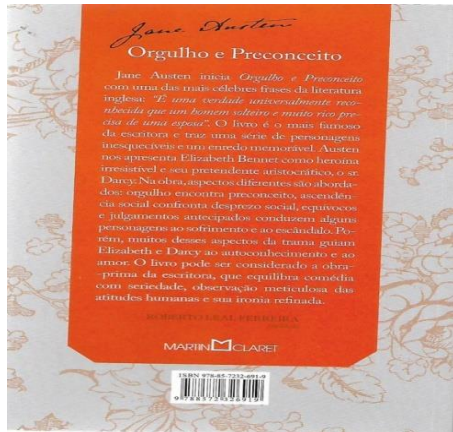
Esses dados sobre estratégias microestruturais deveriam levar a um confronto renovado com as estratégias macroestruturais e daí a considerações em termos do contexto sistemático mais amplo.

4.Contexto sistêmico:

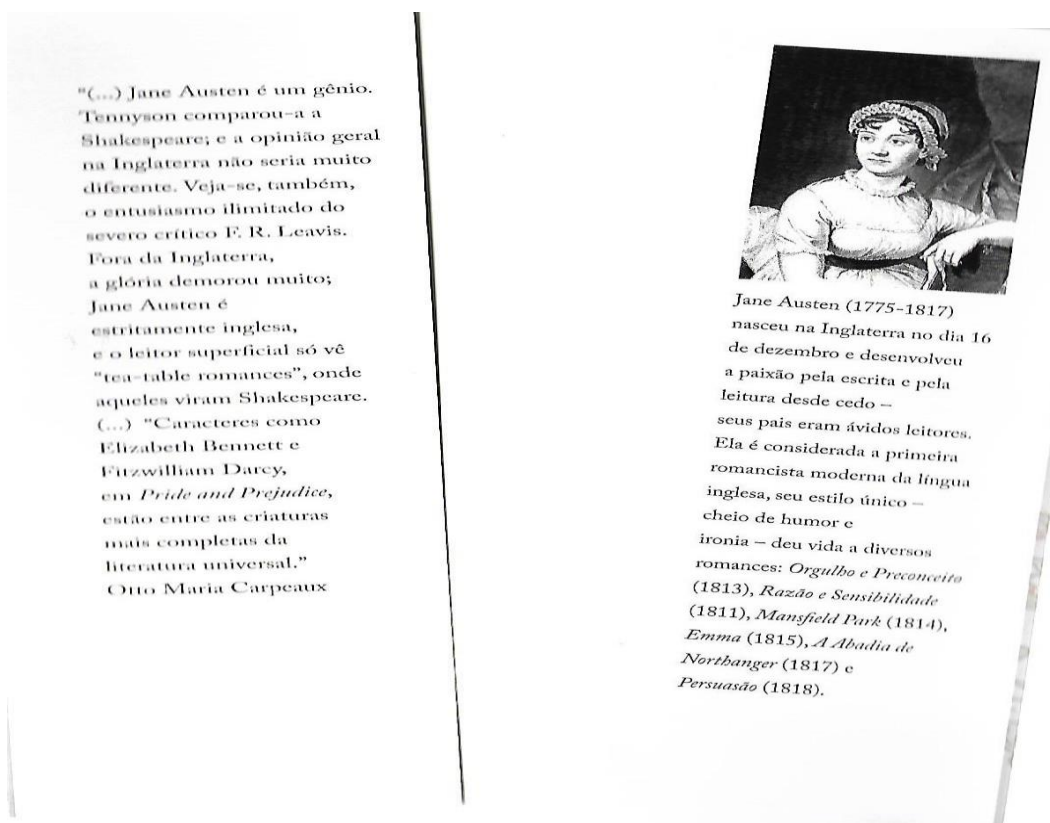
Oposições entre micro e macroníveis e entre texto e teoria (normas, modelos)

Relações intertextuais (outras traduções e obras “criativas”)

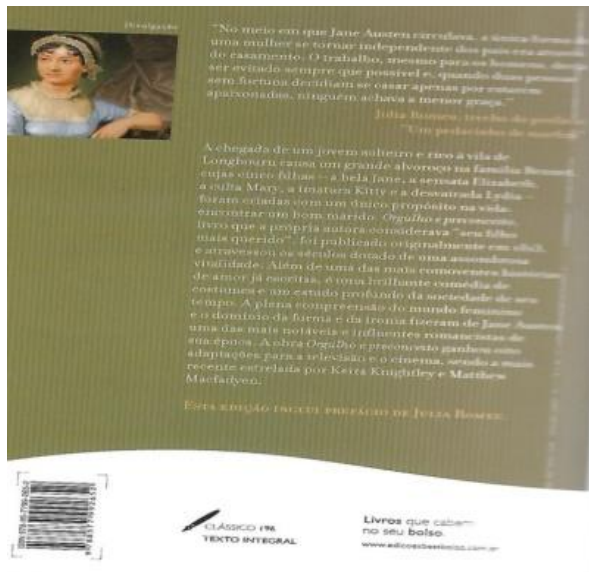
Relações intersistêmicas (por exemplo, estruturas de gênero, códigos estilísticos)



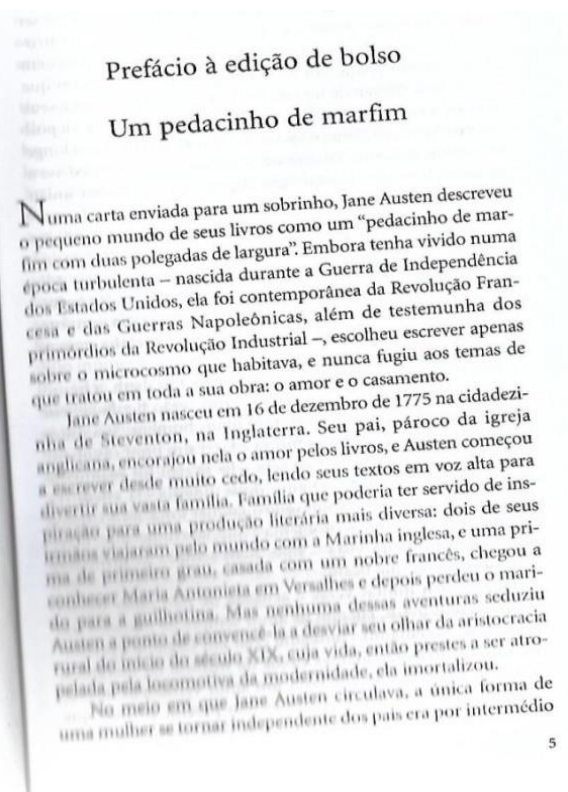
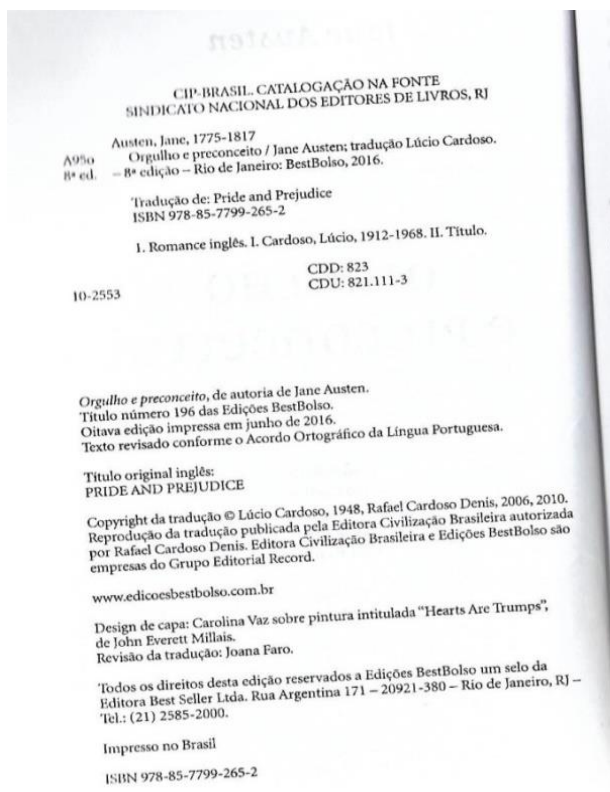
CONTRACAPA. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. SP: Martin Claret, 2013



ORELHA, In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*, SP: Martin Claret, 2013. s/p.



CONTRACAPA. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. RJ: BestBolso, 2016.



Prefácio: ROMEU, Julia. In AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Trad. Joana Faro. RJ: Editora BestBolso, 2016, p. 5-7.

A obra-prima de Jane Austen

Tradução de Celina Portocarrero
Apresentação de Ivo Barroso

“É verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro em posse de boa fortuna deve estar necessitado de esposa.”

É com essas palavras que Jane Austen inicia *Orgulho e preconceito*, conduzindo o leitor diretamente ao lar dos Bennet, família com não menos que cinco noivas em potencial: Jane, Elizabeth, Mary, Kitty e Lydia. Quando o sr. Bingley e o sr. Darcy, dois jovens distintos, chegam a Hertfordshire, todas ficam em alerta: eles são solteiros, bonitos e, claro, donos de uma boa fortuna. O que poderia ser uma típica história de amor é, nas mãos de uma das escritoras de língua inglesa mais difundidas pelo mundo, um espetáculo de grandes personagens e diálogos sagazes, com um *timing* perfeito para a ironia.

Jane Austen desafiou as convenções sociais ao criticá-las pelas entrelinhas, pontuando seus livros com toques de humor que só uma observadora perspicaz e brilhante escritora poderia unir. Suas histórias, passadas na Inglaterra da virada do século XVIII para o XIX, falam para os leitores de todas as épocas. Segundo o crítico Harold Bloom, os livros de Jane Austen passarão para a posteridade juntamente com os clássicos de William Shakespeare e de Charles Dickens.

www.lpm.com.br
o site que conta tudo

TEXTO INTEGRAL
L&PM POCKET
A maior coleção de livros de bolso do Brasil



CONTRACAPA. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. RJ: LP&M, 2010

JANE AUSTEN, A “BOA TIA DE STEVENTON”

Ivo Barroso*

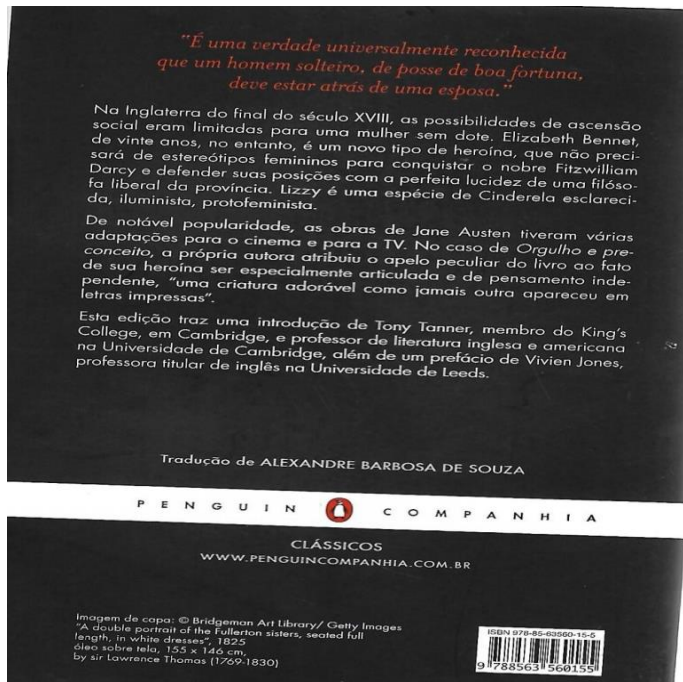
Em 1817, falecia em Winchester, no condado de Hampshire, no sudeste da Inglaterra, uma frágil solteirona de 41 anos, de poucos dotes físicos, mas desenvolta dançarina nos salões da província, que, com o correr dos tempos, se tornaria conhecida como uma das mais importantes escritoras da língua inglesa. Chamava-se Jane Austen e começou a escrever histórias apenas para a distração de seus inúmeros sobrinhos, chegando mais tarde a publicar alguns livros, o primeiro deles sob pseudônimo. O que se tornou mais famoso, precisamente este *Orgulho e preconceito* (*Pride and Prejudice*, em inglês), numa enquete organizada pela BBC de Londres, em 2003, sagrou-se como o segundo “Livro mais amado pelos leitores do Reino Unido”.

Com base em suas narrativas, têm sido feitas inúmeras adaptações cinematográficas, algumas bem recentes até, daí falar-se num *revival* de Jane Austen – mas a expressão é inadequada, pois a autora de *Razão e sentimento* (1811), *Orgulho e preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814) e *Emma* (1816) nunca esteve literariamente morta, embora tenha falecido para o mundo há quase dois séculos. Seus leitores – e não só os de língua inglesa – têm sido fiéis, constantes e crescentes em todos estes anos que viram a obra literária da “boa tia de Steventon” atingir fabulosas tiragens, comparáveis apenas com as da Bíblia e de Shakespeare.

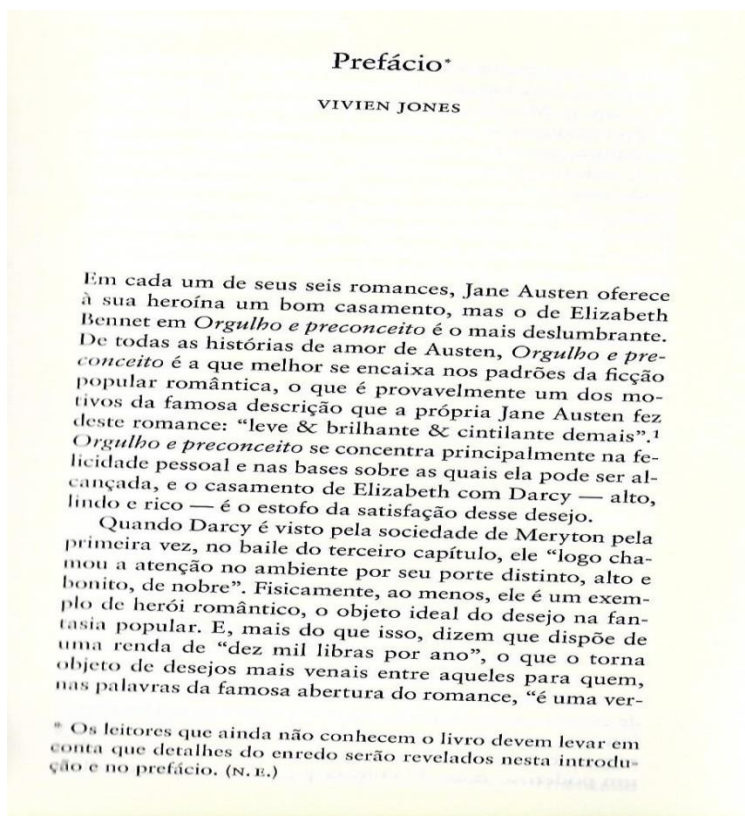
Usando a narrativa como veículo para uma acerba crítica da sociedade em que vivia, defensora incontornável da moral mas sem arroubos moralistas, preferindo a ironia ao sermão, Jane Austen conseguiu criar personagens vivos

* Tradutor e poeta. Traduziu, entre muitos outros livros, *Razão e sentimento* (Nova Fronteira, 1982) e *Emma* (Nova Fronteira, 1996).

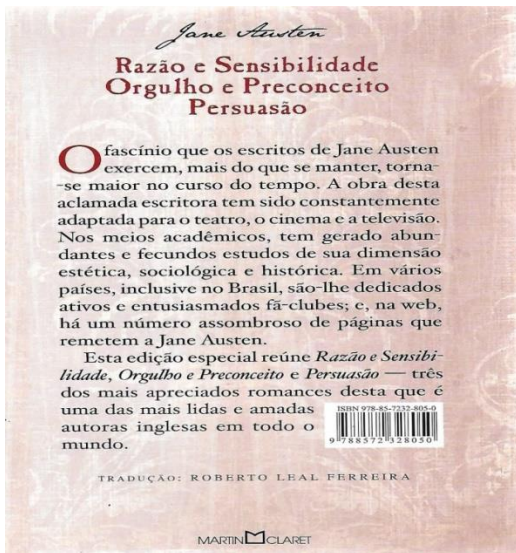
BARROSO, Ivo. Prefácio. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Rio de Janeiro: LP&M, 2010, p.5.



CONTRACAPA. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. SP: Penguin & Companhia das Letras, 2016.



JONES, Vivien. Prefácio. In: Austen, Jane. *Orgulho e Preconceito*, SP: Editora Penguin & Companhia das Letras, 2016, p.9.



CONTRACAPA, In: AUSTEN, Jane. Versão 3 em 1, capa brochura, que contém o livro *Orgulho e Preconceito*. SP: Martin Claret, 2014.



ORELHA, In: AUSTEN, Jane. Versão 3 em 1, capa brochura, que contém o livro *Orgulho e Preconceito*. SP: Martin Claret, 2014.



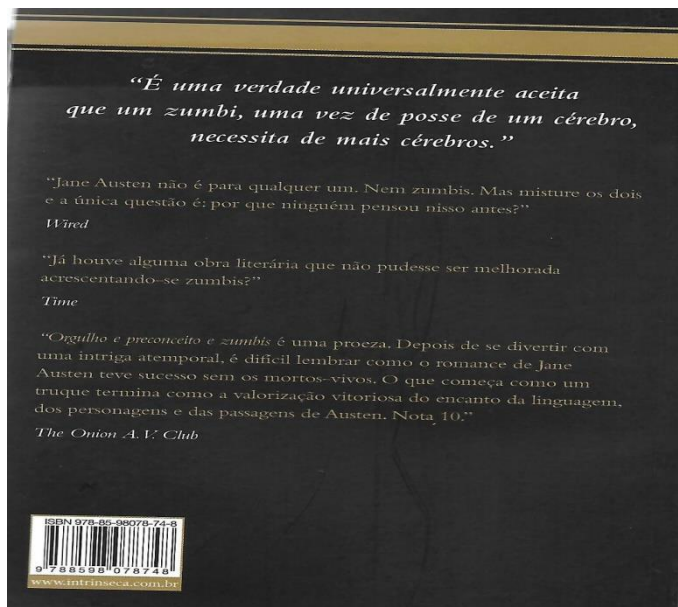
CONTRACAPA, In: AUSTEN, Jane. Versão 3 em 1, capa dura, que contém o livro *Orgulho e Preconceito*. SP: Martin Claret no ano de 2015.



FOLHA DE ROSTO. In: AUSTEN, Jane. Versão 3 em 1, capa dura, que contém o livro *Orgulho e Preconceito*. SP: Martin Claret no ano de 2015.



CONTRACAPA, In: ADAMS, Jennifer. *A Pequena Jane Austen Orgulho e Preconceito*. RJ: Nova Fronteira, 2012.



CONTRACAPA, In: SMITH, Grahame Seth. *Orgulho e Preconceito e Zumbis*. RJ: Intrínseca, 2010.

Orgulho e preconceito e zumbis é uma versão ampliada do famoso romance de Jane Austen, incluindo cenas inéditas com zumbis partindo o crânio das pessoas para devorar seus miolos. Na abertura da história, ficamos sabendo que uma misteriosa praga se abateu sobre o tranquilo vilarejo de Meryton, na Inglaterra, e os mortos estão retornando à vida. A implacável heroína Elizabeth Bennet está determinada a eliminar a ameaça zumbi, mas logo sua atenção é desviada pela chegada do altivo e arrogante Sr. Darcy. O que se segue é uma deliciosa comédia de costumes, repleta de civilizados embates entre os dois jovens enamorados – além de batalhas um tanto mais violentas, em que sangue e cérebros jorram fartamente. Conseguirá Elizabeth subjugar as crias de Satã? Poderá ela superar os preconceitos sociais da aristocracia local?

Combinando amor, emoção, duelos de espada, canibalismo e milhares de cadáveres em decomposição, *Orgulho e preconceito e zumbis* transforma uma obra-prima da literatura mundial em algo que você não pararia de ler mesmo depois de morto. Na adaptação cinematográfica, Lily James, Sam Riley e Bella Heathcote, com direção de Burr Steers, protagonizam a clássica história de época em meio aos mortos-vivos.

Orgulho e Preconceito e Zumbis

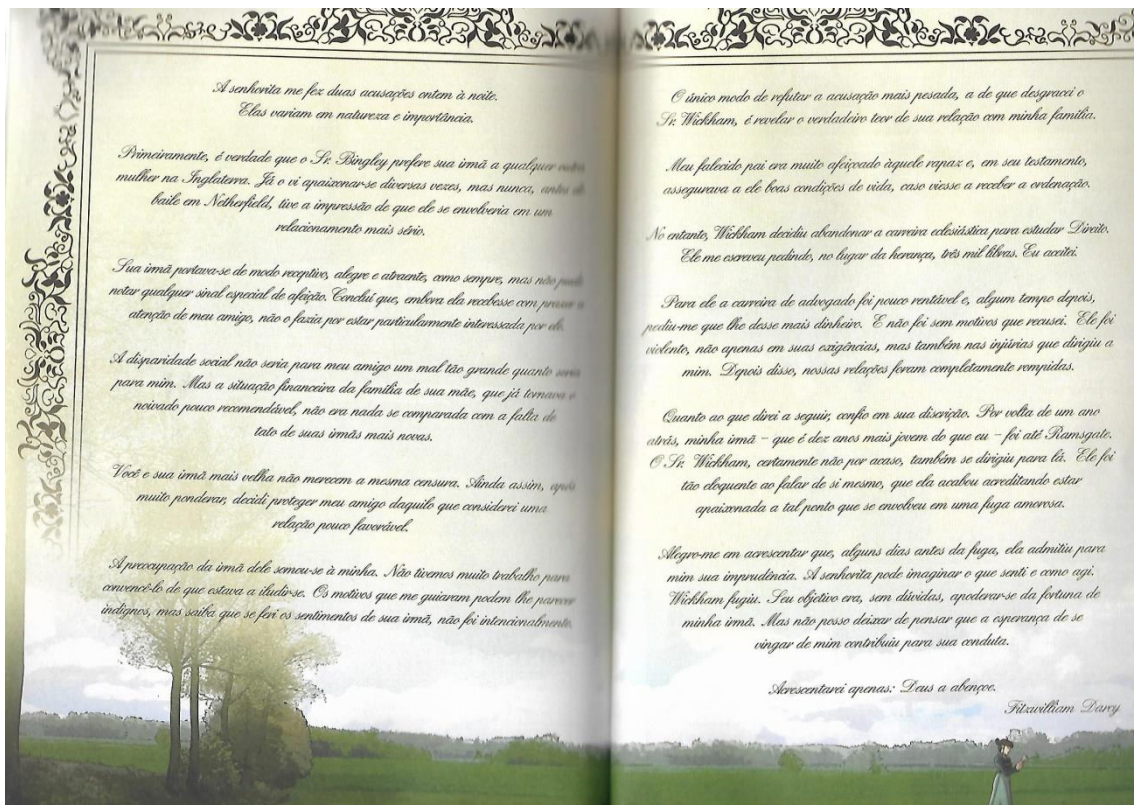


JANE AUSTEN é autora de *Razão e sensibilidade*, *Persuasão* e *Mansfield Park*, entre outras obras-primas da literatura inglesa.

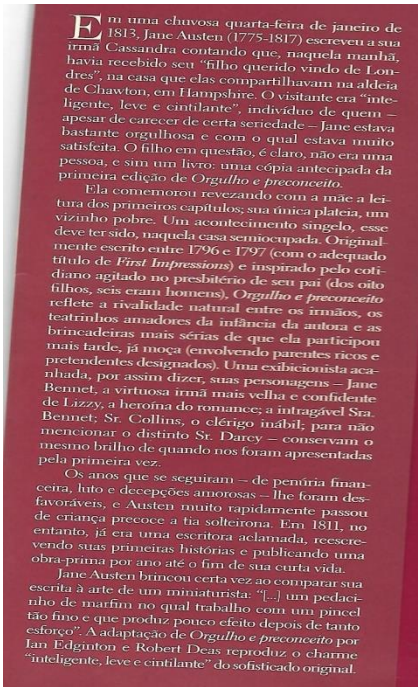
SETH GRAHAME-SMITH é autor, roteirista, diretor e produtor de cinema e de TV. Publicou, também pela Intrínseca, *Razão e sensibilidade e monstros marinhos*, outra releitura de Jane Austen, *Noite infeliz*, que vira de cabeça para baixo a história dos três reis magos, e *Abraham Lincoln: Caçador de vampiros*, adaptado para o cinema por Tim Burton.



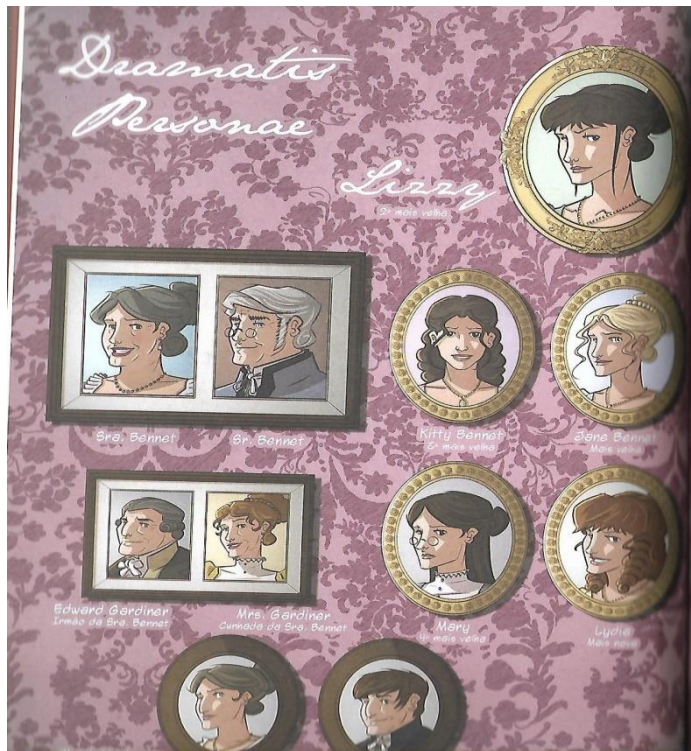
CONTRACAPA, In: EDGINTON, Ian. *Orgulho e Preconceito*. SP: Nemo, 2016.



CARTA, In: EDGINTON, Ian. *Orgulho e Preconceito*. SP: Nemo, 2016, p.104-105.



ORELHA, In: EDGINTON, Ian. *Orgulho e Preconceito*. SP: Nemo, 2016.



DEAS, Robert. PREFÁCIO, In: EDGINTON, Ian. *Orgulho e Preconceito*. SP: Nemo, 2016, p.4.

Orgulho e Preconceito é daqueles clássicos imortais que abrange uma época e relata com precisão os costumes, as relações, a educação, a cultura, a moral e os valores sociais. A época em questão marca o início do século XIX e o local se passa na Inglaterra. Austen narra com emoção e maestria os gostos e desgostos da trajetória da personagem Elizabeth Bennet.

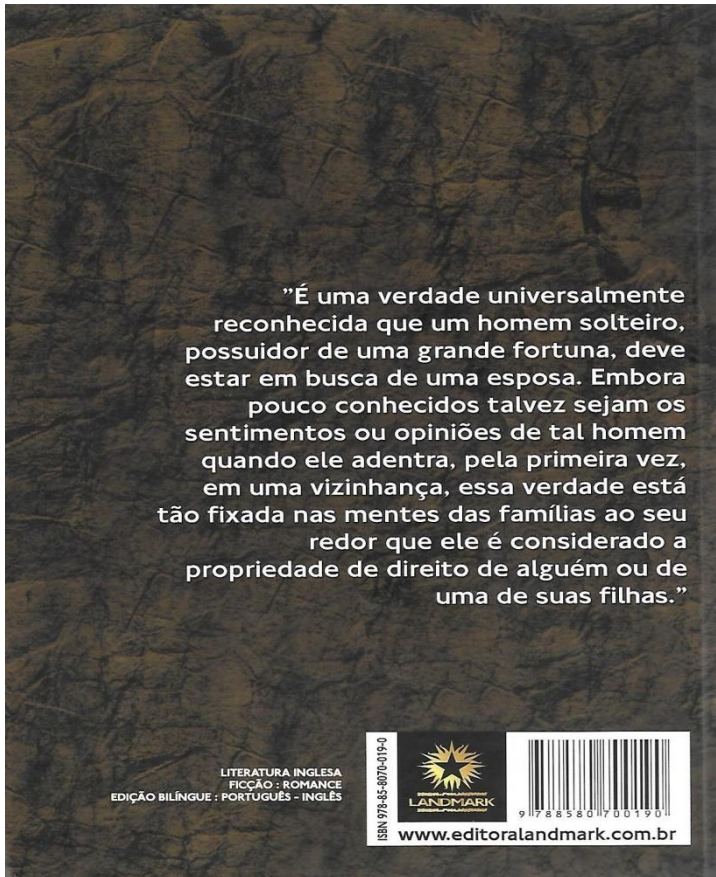
“(…) Jane Austen é um gênio. Tennyson comparou-a a Shakespeare, e a opinião geral na Inglaterra não seria muito diferente. Veja-se, também, o entusiasmo ilimitado do severo crítico F. R. Leavis. Fora da Inglaterra, a glória demorou muito; Jane Austen é estritamente inglesa, e o leitor superficial só vê ‘tea-table romances’ onde aqueles viram Shakespeare. Personagens como Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy, em *Orgulho e Preconceito*, estão entre as criações mais completas da literatura universal.”

Otto Maria Carpeaux



Jane Austen (Steventon, 16 de dezembro de 1775 – Winchester, 18 de julho de 1817) foi uma escritora inglesa de ironia mordaz. Desde cedo desenvolveu a paixão pela escrita e pela leitura – influência de seus pais, que eram ávidos leitores. A escritora é considerada a primeira romancista moderna da língua inglesa e seu prestígio é comparado ao de William Shakespeare. Seu estilo cheio de humor e sarcasmo deu origem a diversos romances: *Orgulho e Preconceito* (1813), *Razão e Sensibilidade* (1811), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *A Abadia de Northanger* (1818) e *Persuasão* (1818).

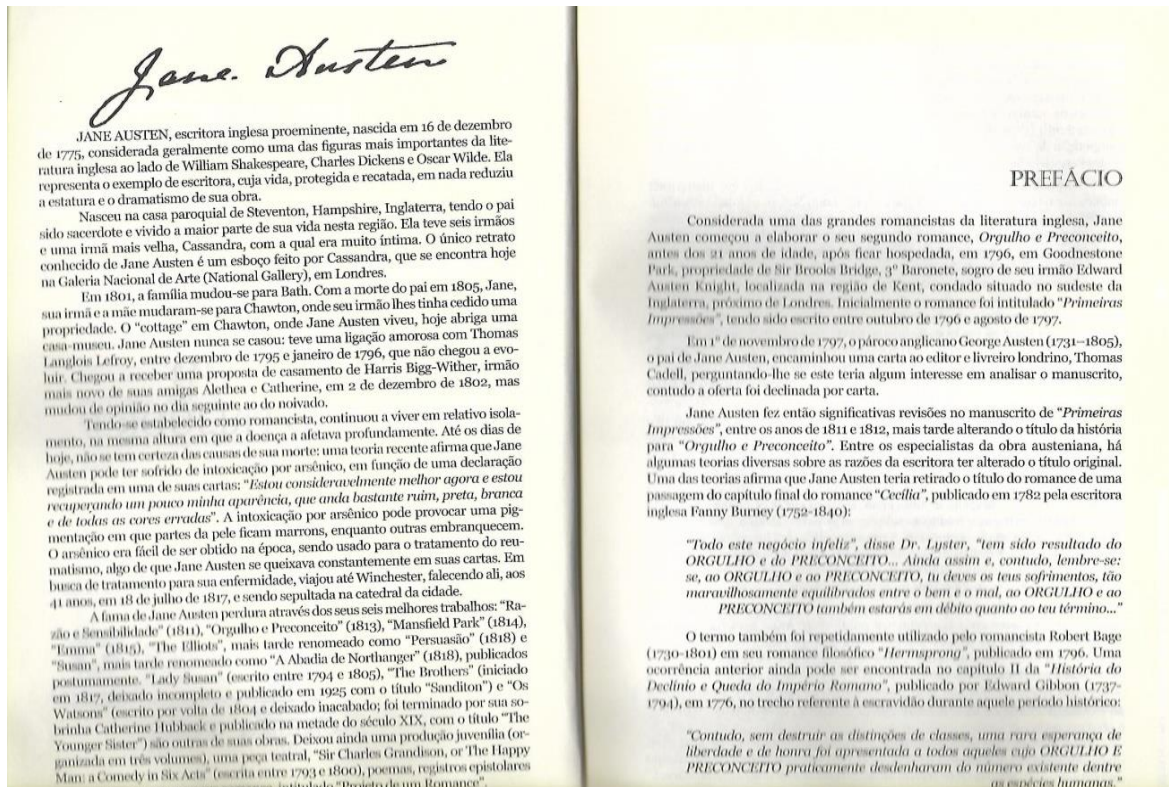
ORELHA, In: Austen, Jane. *Orgulho e Preconceito*. SP Martin Claret, 2012.



CONTRACAPA, In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. SP: Landmark, 2015.



FOLHA DE ROSTO, In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. SP: Landmark, 2015.



CYRINO, Fabio Pedro. FREITAS, Francisco. Prefácio. In: AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. SP: Landmark, 2015, p. 4-5.